

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A INQUIETANTE ESTRANHEZA NO TRANSEXUALISMO

Shamsah Issá Bhaloo

Nº 12355

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A INQUIETANTE ESTRANHEZA NO TRANSEXUALISMO

Shamsah Issá Bhaloo

Dissertação orientada por Prof. Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof.^a Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de clínica conforme o despacho da DGES, n.º 19673/2006 publicado em Diário da República 2^a série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a Maria Emília Marques por ter aceite a orientação desta Tese de Mestrado, disponibilizando dois bens essenciais para a progressão de qualquer estudante, refiro-me ao *Tempo* dedicado e ao *Conhecimento* transmitido.

Ao Robson, à Marlene e à Patrícia por todo o apoio dado nesta caminhada.

À minha família pelos valores inculcados que contribuíram para aquilo que eu sou hoje, permitindo-me chegar até este momento.

RESUMO

Este trabalho consiste num estudo Rorschach de um indivíduo transexual M-F e visa compreender os sentimentos de estranheza do transexual, suportando-nos no conceito de *unheimliche* de Freud (1919/1981). De forma a podermos aceder ao nosso objecto, iremos procurar verificar a representação que o sujeito faz de si e a representação que faz das relações, focando-nos, essencialmente, na análise do funcionamento dos limites, uma vez que é a partir destes que é possível compreender como se organiza a inquietante estranheza no mundo interno do transexual. Os resultados obtidos apontam para a existência de uma instabilidade dos limites entre o Eu e o Outro, entre o Ser e o Não-Ser. A identidade mal consolidada, da qual não se verificou a internalização suficiente do objecto, cria a incerteza entre duas realidades que são o masculino e o feminino, produzindo-se a inquietante estranheza. E como afirma Freud (1919), as dúvidas em relação ao próprio, podem conduzir a uma duplicação, divisão e até a uma troca do próprio Eu, podendo ser isso que se tenha passado.

Palavras-chave. Transexualismo. Inquietante estranheza. Limites do Eu.

ABSTRACT

This work consists in a Rorschach study of a transsexual M-F individual and it aims to understand the transsexual's uncanny feelings, having Freud's (1919/1981) *unheimliche* concept as a support. In order to achieve our object, we will verify the representation that the subject makes of himself and the representation that he makes of relationships, focusing, essentially, on the analysis of the boundaries functioning, since they give us the possibility of understanding how the uncanny in the transsexual's internal world organizes itself. The obtained results point out the existence of a boundary instability within Me and the Other, within Being and Non-Being. The scarcely consolidated identity, without the confirmation of the object's adequate internalization, creates the uncertainty between two realities which are the masculine and the feminine, therefore producing the uncanny. And, as declared by Freud (1919/1981), the doubts concerning oneself, may lead to a duplication, division and even to an exchange of the 'I' himself, and that could be what had happened.

Key-words. Transsexuality. Uncanny. 'I' boundaries.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. O Transexualismo.....	3
1.1. Transexualismo: Uma breve abordagem histórica.....	4
1.2. Definição, classificação e prevalência.....	6
1.3. O processo de redesignação sexual.....	9
1.4. Transexualismo: um problema de identidade.....	12
2. Das Unheimliche.....	19
3. A inquietante estranheza e o transexualismo.....	28
4. Objectivo do Estudo.....	35
5. Modelo de estudo.....	38
6. A prova projectiva de Rorschach.....	39
7. Os procedimentos de análise.....	45
8. Procedimentos para a recolha de dados.....	52
9. O participante.....	52
10. Análise	
10.1. Análise global.....	53
10.2. Análise a cada cartão.....	54
11. Discussão	
11.1. A representação de si.....	63
11.2. A representação das relações.....	67
11.3. À laia de síntese.....	68
12. Conclusões	72
Referências.....	74
Anexos	
Anexo A. Carta de consentimento dirigida à participante.....	78
Anexo B. Protocolo de Fernanda.....	80

INTRODUÇÃO

O posicionamento de uma pessoa na polaridade macho-fêmea, não é a problemática na maioria dos indivíduos. Contudo, uma vez que apenas uma das partes é passível de ser postulada e tratando-se de algo cuja determinação é complexa, originam-se, por vezes, diversos estados de desarmonia entre a vivência pessoal e o corpo sexuado a que corresponde. A desarmonia sentida no seu grau extremo - e aqui não nos referimos a um mero mal-estar psíquico, mas sim a uma lesão grave do sentimento da própria identidade pessoal, na qual se constata a discordância total com o sexo biológico e o correspondente sexo civil que lhe foi atribuído - está patente no transexualismo (Nunes, 2003). O transexualismo é caracterizado pelo sentimento de se estar preso num corpo do sexo errado, pelo intenso e o insistente desejo de ser-se fisicamente transformado numa pessoa do sexo oposto, pela concomitante imitação do comportamento do sexo oposto e pela incessante procura de uma transformação sexual através da intervenção cirúrgica e do tratamento hormonal (Volkan & Masri, 1989). Este é um fenómeno em que se verifica um intenso sofrimento por parte do indivíduo transexual e é, precisamente, sobre este sofrimento que nos pretendemos debruçar.

Este trabalho consiste num estudo de Rorschach de um indivíduo transexual M-F¹ e visa compreender os sentimentos de estranheza do transexual, suportando-nos no conceito de *unheimliche* de Freud (1919/1981). O termo *unheimliche* é equivalente, em português, a inquietante estranheza. Trata-se de um conceito ao qual foi concedido um estatuto metapsicológico. De forma a acedermos ao nosso objecto, iremos procurar verificar a representação que o sujeito faz de si e a representação que faz das relações, focando-nos, essencialmente, na análise do funcionamento dos limites, uma vez que é a partir destes que é possível compreender como se organiza a inquietante estranheza no mundo interno do transexual. Antes da apresentação do caso, será realizada uma revisão de literatura acerca do fenómeno transexual, assim como do conceito de inquietante estranheza, tendo em linha de conta o ponto de vista psicanalítico.

¹ De acordo com a proposta apresentada aquando do Xº Congresso Internacional da Associação de Disforia de Género Harry Benjamin (HBIGDA), em Amesterdão (1987), referimos o sujeito transexual como transexual F-M ou M-F quando a sua fisiologia original for, respectivamente, feminina/masculina (Troger, 2005).

Os resultados obtidos apontam para a existência de uma instabilidade dos limites entre o Eu e o Outro, entre o Ser e o Não-Ser. A identidade mal consolidada, da qual não se verificou a internalização suficiente do objecto, cria a incerteza entre duas realidades que são o masculino e o feminino, produzindo-se a inquietante estranheza. E como afirma Freud (1919/1981), as dúvidas em relação ao próprio, podem conduzir a uma duplicação, divisão e até a uma troca do próprio Eu, podendo ser isso que se tenha passado.

1. O Transexualismo

A identidade sexual diz respeito ao sentimento de pertença a um dos dois sexos distinguidos pela nossa sociedade (Chiland, 1999). Quando a identidade sexual é firmada de uma forma razoavelmente estável, em que não se constata sintomas na banda da sexualidade, acarreta que tenha havido uma congruência de diferentes estratos tais como: o sexo biológico, o sexo civil atribuído, vivência sentida e papel desempenhado, tendo em conta a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido, sendo estes a base para ulteriores estádios da fantasia, orientação, encontro, comportamento e emparelhamento sexuais. A existência de discordâncias, nos estratos mencionados, pode constituir uma ameaça para a identidade sexual (Nunes, 2003).

A noção de identidade sexual ou identidade de género é relativamente recente no campo da psicologia e da psicopatologia e prende-se com as reflexões sobre os fenómenos da intersexualidade, transexualismo, homossexualismo e travestismo. Estes fenómenos apenas se tornaram melhor diferenciados, entre si, a partir dos anos cinquenta, tendo Stoller dado um grande contributo para a distinção dos diferentes conceitos (Oppenheimer, 1996). No tocante à intersexualidade, este é um fenómeno que se diferencia dos outros, na medida em que em se constata uma clara deformação a nível biológico.

Quanto ao transexualismo, homossexualismo e travestismo, para obter uma melhor compreensão sobre estes três conceitos, é, primordialmente importante ter em linha de conta que tanto a homossexualidade, como o travestismo não acarretam, necessariamente, uma afirmação da pessoa travesti ou homossexual como um membro do sexo oposto, tal como existe no transexualismo. Existem homens, homossexuais, que se consideram perfeitamente viris, do mesmo modo, existem mulheres, homossexuais, que se consideram perfeitamente femininas. No travestismo também não existe uma recusa total do sexo biológico. Um travesti, quando veste roupas femininas, não se esquece que tem um pénis, podendo estar completamente satisfeito com este. No entanto, tanto o homossexualismo como o travestismo podem culminar no transexualismo (Stoller, 1973 & Chiland, 1988, 2001).

Chiland (1988) afirma que quando um travesti não suporta mais a vergonha de se mascarar secretamente de mulher e a sua satisfação erótica diminui, este pode começar a detestar os

seus órgãos genitais e passar a reflectir sobre a possibilidade de mudar de sexo. Repare-se que aqui apenas é referido o travestismo no homem, uma vez que o travestismo na mulher não é tão visível. Nos homossexuais, em que se verifica um modo de ser e estar semelhante ao sexo oposto, também existe a probabilidade de um dia estes se tornarem transexuais. No entanto, saliente-se que os travestis e os homossexuais que decidem mudar de sexo não são considerados transexuais verdadeiros.

Assim, resumidamente podemos concluir que no transexualismo existe uma afirmação do indivíduo como sendo um membro do sexo oposto, a recusa do sexo biológico é total, o que não acontece no homossexualismo e no travestismo. No homossexualismo o que difere é a escolha do objecto, isto é, existe uma orientação sexual para indivíduos do mesmo sexo, o que tende a acontecer no transexualismo. Mas, é pertinente ressaltar que nenhum transexual se reconhece como sendo homossexual numa relação com uma pessoa do mesmo sexo biológico, pelo contrário, afirmam ser heterossexuais. No tocante ao travestismo, existe um prazer erótico, por parte do indivíduo travesti, em se vestir como um membro do sexo oposto. Esta componente de transvestir também está presente no transexualismo (Stoller, 1973 & Chiland, 2001).

A distinção dos diferentes conceitos é fundamental, para se perceber em que medida a identidade sexual acaba por ser afectada. Podemos, assim, chegar à conclusão que é no transexualismo que se verifica uma maior ameaça à identidade sexual.

1.1. Transexualismo: Uma breve abordagem histórica

O fenómeno transexual foi mencionado pela primeira vez na literatura médica, em 1853. É a partir do médico Harry Benjamin, em 1953, que a palavra “transexualismo” passa a ser reconhecida e divulgada (Midence & Hargreaves, 1997). Em 1953 foi também feita a primeira publicação sobre um caso de transformação sexual, o de Christine Jorgensen, que, embora não tenha sido o primeiro a ocorrer, foi o primeiro caso a ser difundido pelos mass-media (Chiland, 1988).

O termo transexualismo, sendo de origem recente, dificilmente é encontrado nas diversas fontes históricas. Contudo, ao longo da história, é possível encontrar referências de inúmeros casos de travestismo, desejo intenso de pertencer ao sexo oposto e mudança de sexo. O texto que se segue descreve, brevemente, alguns desses casos, demonstrando-nos que as perturbações da identidade sexual sempre existiram.

Na mitologia Grega é feita a referência a Vénus Castina, como a deusa que se preocupa e simpatiza com os anseios das almas femininas presas em corpos masculinos. Outros mitos, que abordam a temática da mudança de sexo, aparecem, frequentemente, não apenas como o resultado de um desejo, mas também como uma forma de punição. Green (1998) cita o mito de Tirésias, o adivinho de Tebas, que ao caminhar até ao cimo de um monte se deparou com duas cobras copulando. Tirésias matou a fêmea e foi imediatamente punido por este acto, tendo sido transformado numa mulher. Certo dia, Zeus e Hera discutiam sobre qual dos dois sexos teria mais prazer durante as relações sexuais. Não chegando a nenhum consenso, decidiram colocar essa questão a Tirésias, visto que este tinha tido a possibilidade de vivenciar ambos os sexos. A esta questão, o adivinho respondeu que se dividisse o prazer em 10 partes, a mulher ficaria com 9 e o homem com uma.

Mas não é apenas através dos mitos que conhecemos as histórias de mudança de sexo, de desejo intenso de pertencer ao sexo oposto e de travestismo. Green (1998) conta a história de um imperador romano, Heliogábalo, que se casou com um poderoso escravo. Após o casamento, o imperador passou a desempenhar tarefas que eram próprias de mulher. Heliogábalo oferecia metade do império romano ao médico cirurgião que o “equipasse” com os genitais femininos.

No século IX, veio-se a descobrir que o papa João VIII era, afinal, uma mulher que morreu ao dar à luz um bebé que, por sua vez, nasceu morto. No século XVI, pode referir-se a história do rei de França, Henrique III. Este rei desejava que o considerassem uma mulher e, muitas vezes, vestia-se como tal. Outro caso intrigante, decorrido no século XVIII, foi o do “Chevalier d’Eon” cujo nome se tornou o epónimo de “eonismo”. O Cavaleiro d’Eon foi amante do rei Luís XV de França e rival de Madame Pompadour. Viveu 49 anos como homem e 34 como mulher (Green, 1998).

No Oriente, mais propriamente na Índia, existe um grupo de indivíduos que se denominam por “Hijras”. Estes indivíduos pertencem àquilo que é, parcialmente, uma casta, e parcialmente, um culto religioso. Trata-se dos transexuais M-F e intersexuais que optam por ser mulheres. As “Hijras” trabalham, tradicionalmente, como cuidadoras de casa de banho, cantoras ou bailarinas de festivais públicos ou até como prostitutas. O número de aderentes a esta casta/culto religioso, que tem uma longa data de existência, é cada vez maior e estas mulheres têm vindo a assumir, cada vez mais, uma melhor posição social (Almeida & Guerra e Paz, 2003).

1.2. Definição, Classificação e Prevalência

O transexualismo encontra-se codificado no DSM-IV como Perturbação da Identidade de Género, também conhecida como a “Disforia de Género” (A. P. A., 1994/2005). A identidade género é considerada a experiência íntima do papel de género, sendo que este se refere a tudo o que o sujeito diz ou faz para sinalizar a si ou aos outros que é macho, fêmea ou ambivalente. O papel de género pode, deste modo, ser visto como a expressão pública dessa identidade (Money, 1994). Segundo a DSM IV (A. P. A., 1994/2005), para se diagnosticar a existência de Perturbação de Identidade de Género são necessários estarem presentes os seguintes componentes:

- A) Tem de se demonstrar uma identificação de género cruzada, intensa e persistente, que consiste no desejo de ser, ou na insistência que se é do outro sexo. Esta identificação de género cruzada não pode ser apenas um desejo de ser do outro sexo em função de alguma vantagem cultural.
- B) Tem de se provar também um desconforto persistente acerca do sexo que lhe é atribuído ou o sentir-se inapropriado no papel de género desse sexo.
- C) Se o sujeito tem um estado físico intersexual simultâneo por exemplo, síndrome de insensibilidade aos androgénios, hiperplasia supra-renal cogénita, não é possível fazer o diagnóstico.
- D) Acresce-se que para se fazer o diagnóstico tem de existir um mal-estar clinicamente significativo ou dificuldade no funcionamento social, ocupacional ou noutras áreas.

De referir que no transexualismo podem existir notórias diferenças do ponto de vista evolutivo, isto é, podem-se verificar situações em que as alterações de identidade surgem numa idade precoce, mas também existem situações em que o conflito em relação à identidade pode surgir tardiamente, como é o caso do “contínuo travestismo/transexualismo” (Brancroft in Nunes, 2003). Neste sentido, Nunes (2003), com base na integração do conhecimento da literatura e tendo em conta a sua experiência pessoal, propôs uma definição e uma classificação clínica do transexualismo. De acordo com o autor, o transexualismo é um quadro sintomático caracterizado por:

- a) incongruência da identidade de género com o sexo anatómico, de causalidade não psicótica;
- b) essa incongruência, se precoce, mantém-se durante toda a vida do indivíduo; se tardia, aparece secundariamente num processo evolutivo de outro distúrbio sexual;
- c) durante a sua vigência, o indivíduo procura desempenhar os papéis do sexo congruente com a identidade género;
- d) acompanha-se, regra geral, pelo desejo de mudança do sexo civil;
- e) presença de considerável sofrimento até ser atingido o objectivo da alínea anterior.

No que respeita à classificação clínica, o autor formula do seguinte modo:

- 1- Transexualismo Primário: considerado o nuclear, vero, precoce;
- 2- Transexualismo Secundário: aparece tardiamente, a partir de outro distúrbio da sexualidade;
- 3- Transexualismo Sintomático: originado por situações psiquiátricas, nomeadamente psicoses;
- 4- Transexualismo Atípico: casos dificilmente classificáveis nas rubricas anteriores;
- 5- Pseudo-transexualismo: na qual se constata “intenções transexuais”, de motivação alheia ao distúrbio da identidade.

É importante realçar que da classificação clínica anteriormente referida, são apenas os primeiros dois tipos de transexualismo predominantemente mencionados por diferentes autores, que se debruçam sobre esta temática, nos seus estudos.

Para melhor diferenciar o transexualismo primário do secundário, de um modo mais aprofundado, recorreremos à descrição de Stoller (1993). De acordo com o autor, pode-se

considerar que estamos perante um caso de transexualismo primário quando, numa idade precoce, antes dos três/quatro anos, a criança se recusa a vestir e a jogar jogos típicos do seu sexo biológico, assim como também se recusa a ser tratado como uma criança do mesmo sexo e, em contrapartida, tem comportamentos típicos e escolhe companheiros para as suas brincadeiras do sexo oposto. A puberdade é mal aceite, uma vez que as modificações corporais denunciam, ainda mais, o sexo biológico do indivíduo e confrontam-no com as exigências sociais que este renega. É por esta altura que também tem conhecimento sobre a possibilidade de recorrer à intervenção cirúrgica para mudar de sexo e é essa a opção que acaba por tomar. No transexualismo primário não existem variações. Estes indivíduos sentem, desde a mais tenra idade, que são prisioneiros de um corpo que não deveria ser o deles. Afirmam que a sua alma pertence ao sexo oposto e julgam que a intervenção cirúrgica é a solução mais adequada para colocar o corpo e alma em harmonia. O autor acrescenta, ainda, que o transexualismo primário advém de um padrão específico de relacionamento entre as figuras parentais e o filho/a, que será explicado mais adiante.

No transexualismo secundário já se verificam variações. Estamos perante um caso de transexualismo secundário quando o desejo e o pedido para mudar de sexo advém após um período, mais ou menos longo, de homossexualidade e/ou travestismo, em que o homem ou a mulher já aceitou, no passado, de uma forma parcial ou total, o seu sexo biológico. São também considerados casos de transexualismo secundário, os indivíduos que nunca tiveram antecedentes de homossexualidade ou travestismo e que sempre assumiram parcialmente, ou totalmente, o sexo biológico, podendo alguns até terem chegado a casar e/ou a terem tido filhos, mas que, no entanto, mais tarde desenvolveram o desejo de pertencer ao sexo oposto e de se submeterem ao processo de mudança de sexo (Stoller, 1993 & Chiland, 1989).

Colette Chiland (1989) refere que alguns autores consideram o transexualismo primário um critério de diagnóstico decisivo para se conceder a permissão para a submissão ao processo de redesignação sexual.

De mencionar que a partir dos dados de países europeus mais pequenos com acesso às estatísticas e referenciação da população total relativos à prevalência de perturbações de identidade género, podemos observar a prevalência de 1 para 30 000 homens adultos e 1 para

100 000 mulheres adultas que procuram a cirurgia de redesignação sexual (A.P.A., 1994/2005).

1.3. O processo de redesignação sexual

O processo de redesignação sexual é complexo, moroso, pode não corresponder às expectativas do paciente e é irreversível. Ainda assim, o sujeito transexual submete-se a esta invasão corporal, que é indubitavelmente dolorosa.

A tomada de decisão em que é expressa a vontade de se submeter a uma intervenção cirúrgica de redesignação sexual ocorre, normalmente, por volta da puberdade, uma vez que é por esta altura que o transexual encontra um meio, que são os mass media, que lhes revela esta possibilidade. A puberdade é uma fase crítica para qualquer transexual, na medida em que se constata o acentuar dos sinais corporais de pertença ao seu sexo. As raparigas assim que começam a ver os seus seios a crescer, submetem-se a práticas dolorosas de bandagem dos seios e privam-se de várias actividades, como por exemplo, a natação. Os rapazes procuram, igualmente, esconder o seu órgão genital e são alvo de gozo dos seus colegas. Trata-se duma fase que é sentida como humilhante e, por este motivo, procuram, incessantemente, encontrar um meio de aniquilar a angústia, pensando que a intervenção hormonal e a intervenção cirúrgica são soluções ideais para eles (Chiland, 2001).

O processo de redesignação sexual é constituído por três fases. Na primeira fase, procede-se à avaliação psicológica e são concedidas, ao sujeito, informações sobre a viabilidade e os procedimentos técnicos da cirurgia, bem como possíveis consequências, de modo a prevenir expectativas irrealistas. É nesta fase que, também, decorrem os exames hormonais.

Na segunda fase, inicia-se o tratamento hormonal. Aos homens são prescritos estrogénios, progestrona e um bloqueador dos receptores de androgénios. Os estrogénios contribuem para o desenvolvimento de uma figura mais feminina, actuam de forma a obter contornos corporais mais femininos e um aumento do volume dos seios; por outro lado, os supressores de androgénios permitem a diminuição do pêlo corporal bem como a diminuição do tamanho testicular, as erecções passam a ser reduzidos e com menor firmeza. Para a eliminação total dos pêlos é necessária a aplicação da electrólise. A terapia da fala é um recurso essencial para

alcançar um timbre de voz mais feminino. No caso das mulheres, são prescritos ésteres de testosterona ou deconato de testosterona. Os efeitos verificados são a amenorreia, o aumento do clítoris e da massa muscular, uma maior espessura do pêlo facial e corporal, a voz mais grave e o aumento da agressividade e do desejo sexual. Antes da cirurgia de redesignação sexual, a experiência de viver com um membro do sexo desejado é considerada fundamental. Deste modo, é realizado um *teste de vida real*, durante um período mínimo de dois anos.

A terceira fase tem como objectivo a intervenção cirúrgica. Para os transexuais M-F são feitos os implantes mamários, a falotomia, a orquidectomia, a rinoplastia, lipoescultura para as ancas, a vaginoplastia, a clitoroplastia, sendo a neo-vagina funcional e semelhante à vagina de uma mulher. Nos transexuais F-M é realizada uma mastectomia bilateral, histerectomia e ooforectomia bilareral, lipoescultura para as ancas, encerramento da vagina e a faloplastia.

Após as intervenções cirúrgicas, o tratamento hormonal continua a ser necessário para manter as mudanças corporais induzidas. O acompanhamento psicológico também deve ser mantido no pós-operatório. Os resultados são mais satisfatórios nos transexuais M-F do que nos transexuais F-M, devido à ausência de sucesso na construção de um pénis funcional, sendo este o motivo pelo qual a faloplastia não é um procedimento frequente. (Almeida & Guerra e Paz, 2003). Contudo, apesar de a faloplastia não conceder um falo perfeito, os transexuais F-M, que, ainda assim, recorrem a esta intervenção cirúrgica, afirmam que se trata de uma questão simbólica, dado ser o pénis a representação do homem. Outros, também, optam por esta operação porque anseiam poder penetrar a companheira com qualquer parte do seu corpo (Chiland, 1988, 2001).

O “viver da sexualidade” do transexual varia de pessoa para pessoa, mas é possível encontrar algumas características que predominam nos transexuais F-M e nos transexuais M-F, no pré e no pós-operatório. Uma das características em comum nos transexuais F-M é que estes evitam ter qualquer contacto físico com a sua parceira antes de realizar a cirurgia de redesignação sexual. O contacto físico só é aceite para preservar uma relação afectiva que esteja a iniciar. As mulheres transexuais não suportam serem tocadas nos seios e/ou no clítoris, tendo até dificuldades de se desnudarem perante a companheira. Procuram desempenhar um papel activo e dar prazer “como um homem”. Relativamente aos transexuais M-F, existe uma maior variedade no comportamento sexual, muitos também evitam o contacto físico antes da

operação, outros mantêm relações sexuais com o parceiro, e estas não diferem muito das outras relações homossexuais, a não ser pelo facto de estes preferirem uma posição passiva. Estes transexuais anseiam por poder oferecer um corpo feminino aos seus companheiros, de modo a poderem ter relações sexuais consideradas por eles como “normais”. Após a cirurgia de redesignação sexual, constata-se um maior contacto entre os transexuais e os seus parceiros. É comum que, por vezes, ocorram casos de relações lésbicas de transexuais M-F, isto é relações com uma mulher. O contrário, isto é relações homossexuais de transexuais F-M, é raro de se verificar (Chiland, 1989, 2001).

O presente subcapítulo leva-nos a reflectir sobre várias questões que tocam em campos distintos. Para começar, é importante referir que no que diz respeito à mudança de sexo, o discurso da ciência assinala a crença de que, no futuro, os recursos da cirurgia plástica, aliados à extensão dos recursos da medicina cosmética, estarão tão avançados que não haverá limites para as mudanças de sexo. A possibilidade cirúrgica mais ambiciosa envolve o transplante da própria genitália, em vez da construção de fac-símiles, com os tecidos do próprio paciente (Ramsey, 1996). Assim, se hoje podemos notar que o recurso ao processo de redesignação sexual se tem tornado mais frequente, mesmo que este revele imensas barreiras, é fácil imaginar que nos tempos vindouros, em que as barreiras são menores, a mudança de sexo será mais recorrente. Contudo, é importante ter em consideração que esta mudança não terá o mesmo efeito em todos os casos. Se alguns transexuais reconhecem a necessidade da cirurgia de redesignação por questões simbólicas, como é o caso de alguns transexuais F-M, que pretendem a faloplastia porque consideram que o pénis é a representação do ser masculino, outros olham para a cirurgia de redesignação como a “salvação”, a solução para todo o seu tormento. Mas será a mudança exterior a solução para um mundo interior atormentado? A nível da vivência da sexualidade, tal como foi referido, é possível constatar-se diferenças benéficas, na medida em que passa a haver um maior contacto sexual dos transexuais com os parceiros. Mas, lembremos que o que o transexual pretende é mais do que isso, pretende eliminar todo o homem/mulher que existe nele/a, para passar a ser incluído no campo do Outro. Uma vez que o passado não desaparece, até que ponto esta pretensão é concretizável? Por mais que o transexual se esforce para ser incluído no campo do Outro, esta inclusão será sempre questionável, porque, por mais cirurgias que faça, nunca será um verdadeiro homem/mulher, será sempre um transexual.

1.4. Transexualismo: Um problema de identidade

Para explicar a problemática do transexualismo, as teorias psicanalíticas debruçam-se sobre o estado emocional da mãe, as interacções mãe - filho, o desenvolvimento precoce e a importância da presença do pai. À luz da abordagem psicanalítica, destacam-se os estudos de diferentes autores como Stoller, Chiland, Oppenheimer entre outros. Seguidamente iremos fazer uma breve alusão a esses estudos.

Nos estudos de Stoller (1993) sobre o transexualismo, o autor baseou-se no conceito de bissexualidade introduzido por Freud para formular os seus pressupostos teóricos. Para Freud, a bissexualidade tinha uma origem biológica, que constituía um factor influente na escolha do objecto e no grau de masculinidade e feminilidade. Neste processo seria determinante a qualidade elementar de oposição de cada sexo. Freud considerava que o rapaz estaria melhor “equipado” para seguir o seu rumo à masculinidade, pois apesar da ameaça de castração, os seus genitais eram visíveis e tal despertaria inveja à rapariga. Acrescentou, ainda, que o objecto de amor original do rapaz era heterossexual, deixando a menina em larga desvantagem, uma vez que esta, para além de possuir órgãos sexuais inferiores, tinha um amor original homossexual. Stoller contrapôs-se a esta ideia.

O autor procurou, antes de mais, diferenciar sexo de género. Definiu a identidade do género como “*uma mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes*” (op. cit. p. 28). Considerou a identidade do género diferente da qualidade de se ser homem ou mulher, uma vez que esta qualidade tem uma conotação biológica, enquanto a identidade do género corresponde a um comportamento de génese psicológica que apesar de se poder associar à qualidade biológica da pessoa, pode apresentar tendência inversa ou mesmo inversão. O autor mencionou, ainda, que o núcleo de identidade do género é o primeiro a desenvolver-se e é a base a partir do qual se criam e desenvolvem as relações sociais. Esta identidade de género nuclear, que diz respeito à consciencialização do sujeito em relação ao próprio sexo, está muito bem desenvolvida aos três anos de idade da criança, e aos cinco ou seis anos é praticamente impossível alterá-la. A formação deste núcleo requer a participação de diversos factores: uma “força biológica” originada na vida fetal; a designação do sexo no nascimento que deriva da observação directa dos genitais externos deste; a

influência das atitudes dos pais, em particular da mãe, sobre o sexo do bebê e da interpretação que este faz destas atitudes; os fenómenos bio-psíquicos precoces que estão ligados aos efeitos causados por padrões de cuidado da criança, após o seu nascimento, e que, através da aprendizagem, modificarão o seu cérebro e o comportamento; o desenvolvimento do ego corporal; as sensações genitais que, qualitativa e quantitativamente, ajudam a definir dimensões psicológicas que confirmam o sexo atribuído pelos pais.

O ponto de discórdia entre Freud e Stoller surge quando este último refere a existência de uma *proto-feminilidade* em ambos os sexos logo no início de vida, isto é, precedendo a relação objectal, existe uma fusão entre mãe e o/a filho (a). Stoller (1993) considera que o rapaz tem, assim, o caminho para a masculinidade muito mais dificultado do que a rapariga no seu caminho para a feminilidade, devido à existência deste estado simbiótico inicial. Para o menino assegurar a sua masculinidade, é necessário que mude o objecto de identificação, e para tal concorre uma defesa que adquire, denominada barreira contra a simbiose. Esta barreira simbiótica protege-o contra a mãe “perigosa” e contra uma possível estado de regressão. No entanto, é necessário que haja, ao mesmo tempo, o reforço da sua identidade masculina, que é algo que não ocorre no transexualismo. As origens da masculinidade demonstram-nos que o homem aparece, assim, mais vulnerável na sua identidade masculina do que a mulher na sua identidade feminina. Esta pode ser a explicação para a ocorrência de um maior número de perversões no homem, que estão ao serviço de uma identidade de género ameaçada pelo desejo de uma nova fusão com a mãe. Determinadas condutas sexuais do homem também se tornam claras, se forem consideradas como motivadas narcisicamente pela necessidade de salvaguardar a sua identidade.

Atendendo às ideias do autor, percebemos que na base do desenvolvimento identitário masculino ou feminino, estaria a forma como decorreria dinâmica familiar, sendo fundamental o modo de interacção entre mãe e o/a filho (a).

De acordo com o autor, o desenvolvimento do transexualismo em homens deriva de uma simbiose, entre mãe e bebê, que é excessivamente estreita e gratificante. A mãe não promove a masculinidade do filho. E acresce-se que esta simbiose também não é perturbada pela presença do pai, impedindo que os processos de separação e individuação se desenvolvam.

Segundo o autor, para uma melhor compreensão sobre esta relação entre mãe e filho, é de extrema importância o estudo de três gerações. O autor refere que a mãe do transexual sofre de depressão crónica e tem o desejo reprimido de ser homem. Stoller descreve a avó materna do menino transexual como sendo fria, severa e sem amor pela filha, que é a mãe do transexual. A filha cria assim o sentimento de que ter nascido mulher é algo sem valor. Ela é tratada sem afecto e respeito pela sua mãe. Por outro lado, o seu pai ama-a e têm uma relação de proximidade. O pai pretende que a filha seja como ele, procura partilhar os seus interesses masculinos com ela, permitindo a ocorrência de uma identificação positiva com o pai. No entanto, por algum motivo (morte, divórcio, serviço militar etc.), entre os seis anos e a puberdade, a filha separa-se do pai. Na puberdade, com o aparecimento dos sinais evidentes que comprovam a sua feminilidade, ela acaba por adaptar-se à sua condição de mulher. Num dado momento, sem romances, fantasias heterossexuais ou entusiasmos eróticos por homens, ela opta por casar com um homem passivo e distante. Mais tarde, ao dar a luz um belo filho, vê nele a cura para a sua depressão e, por este motivo, não o deixa partir. É neste contexto que ocorre uma simbiose prolongada entre mãe e filho. Ao pai caberia a tarefa de ajudar o filho a sair desta relação simbiótica, a servir de modelo e orientá-lo para as tarefas masculinas. No entanto, pela sua ausência, o pai acaba por não interferir na relação dual e a criança dificilmente adquire a compreensão sobre os limites do seu próprio corpo.

Relativamente ao estudo do desenvolvimento do transexualismo em mulheres, Stoller (1993) sugere que a simbiose existente entre mãe e filha é insuficiente, devido à ausência física e/ou emocional da mãe. O pai é visto, pelo autor, não como um pai ausente, mas sim como um pai que estabelece um relacionamento extremamente próximo com a filha. Toma a menina como um companheiro e orienta-a para as suas actividades masculinas. Deste modo, desde muito nova, a menina comporta-se de um modo muito masculino e nenhum membro da família desencoraja este comportamento, sendo uma menos valia para a identidade sexual da criança.

Chiland (1988), não consegue reconhecer o padrão parental descrito por Stoller, no entanto, enfatiza também o papel das figuras parentais, referindo que a criança evolui em função da evolução dos pais. A autora afirma que a construção da identidade sexual começa bem antes de a criança nascer, isto é, começa na mente dos pais. Estes fantasiam sobre o sexo do seu filho antes do nascimento. Quando o bebé nasce vai-se apercebendo, gradualmente, através da interpretação das mensagens conscientes e inconscientes que os pais passam, se é uma menina

ou menino e se isso satisfaz ou não os pais. A interpretação que a criança faz das mensagens transmitidas pelos seus pais é decisiva. Chiland tem em linha de conta o pensamento de Winnicott e afirma que é fundamental que a criança seja e se sinta amada tal como ela é desde o seu nascimento. De acordo com esta teoria, a autora refere que no caso do menino futuro transexual M-F, ele sente que só irá ser amado se rejeitar qualquer manifestação da sua virilidade. A masculinidade é expressa através de determinadas condutas e manifestações, sendo por isso as descargas motoras e os ataques de cólera mais facilmente aceitáveis em rapazes do que em raparigas. No caso da criança futuro transsexual M-F, é-lhe transmitido que expressar-se de um modo masculino é rejeitável, e, ainda, são reforçados comportamentos tipicamente femininos, levando a criança a passar a ter uma conduta feminina. Acresce-se que Chiland afirma que existe uma perturbação da virilidade por parte do pai. A autora considera, deste modo, que o desejo primário da criança é a fuga da masculinidade e assim se desenvolve a feminilidade, em que o menino procura corresponder àquilo que considera ser, para os pais, a imagem ideal de um filho.

A autora sugere, ainda, que quando a mãe se distancia do seu filho, abandonando a relação “pele a pele” que tinha com ele, este sente uma ambivalência e uma angústia de separação, podendo assim ser desencadeada uma identificação com o objecto perdido. O ser como a mãe e, mais ainda, o ideal de sua mãe, é uma forma de dominar algo que a criança sente que lhe escapa. Deste modo, para além de uma identificação, o amor e a possessão também estão em causa.

Para a Chiland (1989), o transexualismo é visto como uma patologia narcísica: para além das carências narcísicas da infância, na adolescência o sujeito confronta-se com variadas frustrações, associadas à formação de um corpo sexuado. O sujeito não consegue cumprir as exigências de uma imagem masculina viril, é alvo de gozo pelos colegas, os primeiros contactos sexuais não-lhe proporcionam prazer e tudo isto contribui, ainda mais, para que a confusão de identidade aumente e para que esta seja uma fase extremamente angustiante, na qual a transformação sexual é tida como uma fonte de restauração narcísica.

Atendendo a esta conjuntura, Chiland (2001) considera fundamental que seja realizada uma intervenção terapêutica assim que se verificarem distúrbios de identidade sexual numa criança e acrescenta que esta intervenção deve ser efectuada não só com a criança, como também com

os pais, sendo importante observar-se a interacção que existe entre os pais e o/a filho/a. A autora cita, ainda, um estudo de Green (1987), “*The sissy boy syndrome and the development of homosexuality*” no qual se constatou que em 44 rapazes, que apresentavam comportamentos tipicamente femininos e que foram revistos após 15 anos, ocorreu o desenvolvimento de um caso de transexualismo e três quartos dos outros rapazes tornaram-se homossexuais ou bissexuais. Para o sucesso do trabalho psicoterapêutico, torna-se essencial uma intervenção precoce, uma vez que mais tarde é comum verificar-se a falta de recordações da infância, a banalização de acontecimentos importantes e a falsificação de inúmeros detalhes menos significativos, pela parte do transexual, que constituem um entrave para a compreensão da problemática. Quanto mais tarde for realizada a intervenção psicoterapêutica, maiores serão as defesas narcísicas e mais forte será a resistência à transferência que o transexual irá apresentar, pelo que é importante a psicoterapia assim que se verifiquem os primeiros sinais de uma identidade sexual ameaçada.

A perspectiva de Oppenheimer (1989, 1996), para além de apresentar alguns pontos concordantes com a teoria de Chiland, acrescenta também novas possibilidades sobre o desencadeamento do transexualismo. Segundo a autora, no transexualismo a procura por uma restauração narcísica é feita através da constante passagem ao acto. O agir do transexual é equiparável ao acto-ecrã, que descreve a negação do passado, tentando-o anular através de novas experiências.

A autora refere que nos transexuais M-F, para além da existência de uma fixação na mãe, verifica-se uma negação do próprio sexo associada à ausência do pai. A falta de investimento da parte do pai constituiu uma ferida inconsciente para a criança. Esta rejeição faz com que o transexual não se sinta reconhecido como um membro do sexo masculino e, por este motivo, ele passa a sentir-se desvalorizado e deprime-se, acabando por desinvestir na sua masculinidade e reinvestir na feminilidade. Assim, pode-se considerar que o transexualismo é motivado por um ódio pelo próprio sexo, que advém da rejeição do pai. Este ódio, que é dirigido inicialmente ao pai e à sua masculinidade, passa, mais tarde, a ser projectado para o órgão masculino. A autora denomina este processo por melancolia focalizada sobre o sexo. Mas não é apenas a ausência do pai que contribui para o desencadeamento da feminilidade precoce. As ausências de reacções específicas da parte da mãe face à masculinidade do filho,

nomeadamente, a ausência de reacções de admiração e de incentivo para o investimento numa identidade sexual masculina, também conduzem ao desenvolvimento da feminilidade.

Oppenheimer menciona, ainda, a presença de elementos perversos no fenómeno transexual. De acordo com a autora, a mãe leva a que o filho acredite que ele é o parceiro perfeito para ela e, por este motivo, o filho não tem necessidade de invejar o pai. O ideal do ego permanece ligado ao modelo pré genital. Sendo a função do pai anulada, a identidade primária não pode ser abandonada. E é neste sentido que o corpo é fantasiado como um duplo feminino que é projectado no Ideal do Eu.

É neste contexto que os mecanismos de clivagem se desenvolvem, sendo os pais percebidos de acordo com as suas qualidades (bom ou mau) em vez de serem percebidos de acordo com as suas diferenças sexuais. Em nome do “narcisismo”, pretende-se o triunfo da anulação do sentimento de ser um homem fracassado, através da glória de um corpo que será a tentativa de uma restauração narcísica.

Coimbra de Matos (1996) apesar de não se ter debruçado sobre o fenómeno transexual como os autores anteriores, revela-se um autor importante, no sentido de percebermos em que medida os processos de identificação influenciam a construção da identidade. De acordo com o autor a “*As relações pessoais (interpessoais) significativas, ditas relações de objecto – na sua essência, relações intersubjectivas – são a base e o veículo da construção identificativa que nos forma e, a todo tempo, transforma*”. Mas, por outro lado, o autor também tem em linha de conta que “*somos também – e desde o início – criadores activos, espontâneos e livres do nosso ser psíquico, da identidade peculiar que nos vai definindo e diferenciando*” (op. cit. p. 23). Assim, compreendemos que somos produto do meio relacional, no qual o facto de possuímos também a condição de sermos seres activos é fulcral para a construção da nossa identidade.

Segundo o autor, existem determinados processos de identificação que contribuem para a formação da identidade: nos primeiros tempos de vida (dos 0 aos 18 meses) constata-se uma identificação imagoico-imagética, isto é, o sujeito identifica-se por incorporação - assimilação da imago e/ou imagem com que o outro o define. Trata-se de uma identificação especular, ou seja, o sujeito reconhece-se na imagem que a mãe devolve ou fornece. Esta imagem é

fornecida por mensagens e afluxos inconscientes veiculados pela projecção e por transmissões conscientes. Deste modo, no que toca à identidade sexual, deve-se ter em conta que a existência de erros e/ou contradições nas fantasias conscientes e inconscientes de um ou dos dois pais, poderá conduzir a desvios, como é o caso da transexualidade em que há uma indução infra-liminar maciça e contínua de uma identidade heteróloga. Posteriormente, dos 18 meses aos 3 anos, ocorre a identificação idiomórfica. Nesta fase, o sujeito reconhece-se e auto-concebe-se. Constatam-se uma identificação por aprendizagem directa em que predomina *“a experiência de se ver e experiência de fazer; e de mostrar-se e de mostrar o que faz”* (op. cit. p. 27). A criança constrói a sua imagem sexuada por reconhecimento e integração das suas próprias insígnias sexuais, aprendendo também a diferença entre os sexos. No período seguinte, dos 3 aos 6 anos, processa-se a identificação alotriomórfica que diz respeito à identificação ao modelo. O sujeito identifica-se ao objecto eleito, sendo este o objecto amado, admirado e invejado pelo próprio. Por norma, a criança identifica-se por similaridade ao progenitor do mesmo sexo, sobretudo ao nível do funcionamento/desempenho sexual, da cena primitiva ou fantasia da cópula. No entanto, é de referir que em caso de domínio da ambivalência e rejeição no trato da criança, a identificação ao progenitor do mesmo sexo segue um gradiente regressivo que pode ir da *“falha falo-narcísica (défice na identidade sexual homóloga) – com sentimentos de inferioridade sexual – à identificação negativa (por oposição) – com desvio transexual - passando pela recusa de identificação e/ou desidentificação – com metamorfose reactiva homossexual”* (Coimbra de Matos, 2002 op. cit. p. 12). Para o autor, a homossexualidade e a transexualidade são fenómenos da mesma natureza, mas em graus diferentes. No primeiro, verifica-se uma simples recusa de identificação ao modelo com posterior desidentificação enquanto no segundo se constata a desidentificação com identificação negativa, isto é, há uma identificação por similaridade com o progenitor do sexo oposto em vez de uma identificação por complementaridade com este. Saliente-se que nesta fase o autor considera ser de extrema importância a narcisação da imagem sexuada, isto é, a criança carece de ser confirmada e valorizada na sua identidade sexual por parte dos seus pais.

A consciência da função social do homem e da mulher estrutura-se, mais tarde, no período da latência. Segue-se a adolescência, na qual está patente o reforço da identificação idiomórfica. É por esta altura que a função sexual se desenvolve e a identidade sexual se consolida.

Como se pode constatar, no percurso para a formação da identidade sexual, o papel das figuras parentais é relevante. Perante esta breve exposição de teorias que se debruçam sobre o fenómeno transexual, realçamos elementos que consideramos preponderantes para este trabalho, nomeadamente, as dúvidas que se materializam no mundo subjectivo do transexual e a ambiguidade. A dúvida surge quando o sujeito se depara com duas realidades: uma realidade que lhe é familiar e outra que lhe é estranha. A ambiguidade é o espaço em que o transexual acaba por permanecer. Repare-se que todas as teorias aqui presentes referem a existência de uma ausência: a ausência esta que poderá ser do pai que não cumpriu a sua tarefa de encaminhar o seu filho rumo à masculinidade e/ou ausência de uma mãe que pecou por abandono e não reagiu de forma adequada face à masculinidade do filho. Esta ausência não permitiu a consolidação de uma identidade sexual bem assegurada. O indivíduo acabou por não conhecer os seus próprios limites, permanecendo num espaço inquietante. No transexualismo vislumbram-se duas realidades: por um lado, existe um corpo que é do próprio e é repudiado, por outro, existe a crença de se pertencer a um determinado sexo, que não é do próprio. Uma destas realidades é familiar ao sujeito a outra é lhe estranha. No entanto, não sabemos se é o corpo que pertence ao domínio do familiar ou se é o sentimento de pertença ao sexo oposto que pertence a esse domínio. Mas a presença de realidades que se contrapõem é inegável. E enquanto a força dos contrários persistir, o sujeito transexual permanecerá num espaço que é simultaneamente estranho e simultaneamente familiar, o que provoca uma inquietante estranheza. E, como qualquer inquietação, tem de ser apaziguada, se não for pelos pais será pelo próprio: o sujeito fará de tudo para apaziguar este sentimento. O capítulo que se segue aborda a temática da inquietante estranheza, permitindo-nos uma melhor compreensão de como o familiar e o estranho e a instabilidade de limites se relacionam com este sentimento de estranheza que o transexual possui.

2. Das Unheimliche

Unheimlich é uma palavra alemã que em inglês pode ser traduzida por “*uncanny*”, em espanhol esta palavra assume o significado de “*lo siniestro*”, em Portugal o termo é conhecido por “*Inquietante estranheza*”. De referir que estas traduções têm um sentido aproximado da palavra alemã, uma vez que o seu verdadeiro significado é difícil de ser traduzido por palavras de outras línguas (Freud, 1919/1981).

Freud debruçou-se sobre o conceito “*unheimlich*”, concedendo-lhe um estatuto metapsicológico. No seu ensaio sobre a “inquietante estranheza” o autor procura abordar as qualidades do sentir. Para o autor este é um tema que se relaciona com o oculto, com aquilo que é assustador e provoca medo.

Antes de 1919, data em que Freud elaborou o ensaio sobre Das Unheimliche, o autor utilizou este conceito nos seguintes trabalhos e obras suas: *O caso de Dora* (1905), *Psicopatologia da vida quotidiana* (1901), *O homem dos ratos* (1909), *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910), *Totem e Tabu* (1912-13), *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916), *O tabu da virgindade* (1917). Nestes escritos, o termo aparece vinculado ao tema da onipotência dos pensamentos, ao feminino, à angústia, ao déjà-vu e ao desejo parricida. Depois de 1919, o autor utiliza novamente nos seus escritos, o termo unheimliche em sete ocasiões: *Além do princípio do prazer* (1920), *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), “*Fetichismo*” (1927), “*Dostoievski e o Parricídio*” (1928), *Moisés e o Monoteísmo* (1939) e *Esboço de Psicanálise* (1940). Nestes escritos o termo unheimliche aparece relacionado com as temáticas da repetição, o familiar e o estranho, a castração e a epilepsia (Sánchez, 2005).

O ensaio sobre unheimliche é possuidor de uma extraordinária riqueza no qual são abordados múltiplos temas. A obra é constituída por três capítulos. O primeiro capítulo é maioritariamente dedicado a uma revisão etimológica das palavras alemãs unheimlich e heimlich. O autor demonstra-nos que a palavra heimlich é utilizada em contextos distintos, em que, se por um lado esta pode significar aquilo que é familiar e agradável, por outro, possui um significado que se desenvolve na direcção da ambivalência, até que, finalmente coincide com o seu oposto unheimlich, significando aquilo que está oculto e se mantém fora da vista. Saliente-se que Unheimlich é habitualmente usado para designar o contrário do primeiro significado de heimlich, e não do segundo. Este capítulo termina com Freud a destacar a observação de Schelling que permite um novo esclarecimento sobre o conceito de unheimlich. Segundo Schelling, por unheimlich entende-se “*tudo aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto mas que veio à luz*”. (Freud, op. cit. p. 224). No segundo capítulo, Freud realiza uma reflexão sobre os vários casos, processos e situações que provocam o sentimento de inquietante estranheza. O capítulo pode ser dividido em duas partes. Na primeira parte, o autor procura respostas no campo da literatura e centra-se no

conto “Homem de areia” de E. T. A. Hoffman, uma vez que este é um conto que é capaz de suscitar na pessoa que o lê, precisamente, esse sentimento que Freud denomina por *unheimlich*. A segunda parte é constituída por uma análise do conto, tendo em conta um ponto de vista psicanalítico. Da reflexão de Freud emergem variados temas, pertencentes ao campo psicanalítico, que se interligam e tornam esta elaboração teórica uma obra muito complexa e rica. Por fim, o terceiro e último capítulo é dedicado à análise das diferenças dos modos de produção do sentimento de inquietante estranheza na literatura e na realidade. As conclusões principais a que o autor chega é que muito daquilo que não causa o sentimento de inquietante estranheza na ficção, causaria se acontecesse na realidade. Por outro lado, também afirma que a ficção possui muitos mais meios para criar os efeitos de estranheza do que a realidade. Neste último capítulo, Freud destaca que existem duas formas para que o efeito do estranho se manifeste: *“uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis, que haviam sido recalçados, revivem uma vez mais por meio de uma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se”* (op. cit. p. 249). No entanto, acaba por ressaltar que esta ideia pode ser algo difusa, uma vez que as crenças primitivas se relacionam de forma íntima com os complexos infantis. Freud termina o capítulo mencionando que o silêncio, a solidão e a escuridão são elementos que participaram na formação da ansiedade infantil e dos quais os seres humanos nunca se conseguirão libertar.

Como se pode constatar, na base do sentimento de inquietante estranheza, as vivências passadas na infância assumem um papel preponderante. O conto do “Homem de areia” revela-se um ótimo exemplo para demonstrar a influência das crenças primitivas (da infância). E mesmo que não passe de um conto, destaque-se que se trata de uma história que serviu como uma das fontes de inspiração para Freud e lhe permitiu explorar o conceito de *Unheimlich*.

Este conto fantástico inicia-se com as recordações de infância de um estudante chamado Nathaniel. Apesar da felicidade que sentia, o estudante não conseguia banir as memórias associadas à morte misteriosa e terrível do seu amado pai. Seguem-se algumas partes do conto mencionadas por Freud (1919/1981).

Em certas noites, a mãe de Nathaniel costumava mandar as crianças cedo para a cama, avisando-as de que o “homem de areia” estava a chegar. E de facto Nathaniel ouvia, naquele exacto momento, passos pesados e lentos de um visitante com quem o seu pai ficava ocupado

o resto da noite. A criança, perturbada com a situação, decidira perguntar à mãe se, na realidade, o “homem de areia” existia ou não. A esta pergunta a mãe respondeu negativamente. No entanto, ao colocar a mesma questão à ama, esta forneceu-lhe informações mais precisas: “Ele é um homem mau e perverso, que vem quando as crianças não querem ir para a cama e atira-lhes punhados de areia nos olhos, até que estes saltem das suas cabeças, todos ensanguentados. Depois, ele coloca os olhos num saco e leva-os, na lua cheia, para alimentar os seus filhos que têm bicos curvos – como as corujas – que servem para bicar os olhos de crianças desobedientes”. Apesar de Nathaniel ter idade suficiente para não acreditar na figura do homem de areia, com tais atributos tão assustadores, o pavor que nutria pela figura acabou por se tornar numa fixação. Numa determinada noite, quando o “homem de areia” era novamente esperado, decidiu que iria descobrir qual era a aparência deste e escondeu-se no escritório do seu pai. Quando o temível visitante entrou no escritório, Nathaniel reconheceu-o, era o advogado Coppélius, uma pessoa repulsiva, de quem as crianças tinham medo quando, ocasionalmente, este era convidado a compartilhar as refeições com a família. Assim, a criança tinha identificado Coppélius como sendo o temido “homem de areia”.

No que diz respeito ao resto da cena, Hoffmann já nos deixa em dúvida: se o que estamos a presenciar é o primeiro delírio de um rapaz acometido pelo pânico, ou uma sucessão de acontecimentos que deverão ser vistos, dentro da história, como sendo reais.

O pai de Nathaniel e o convidado estavam a trabalhar junto de uma braseira de chamas brilhantes, ambos com um olhar temível. O rapaz, que continuava escondido, escutou Coppélius a dizer alto “Olhos! Olhos!” e, invadido pelo medo, a criança deu um grito, acabando por se denunciar. O pavor que sentiu foi tão intenso, que caiu no chão. Coppélius pegou-lhe e tentou atirar pedaços de carvão quente e avermelhado nos seus olhos. Mas o seu pai suplicou para que os olhos do filho fossem poupados. Depois disto, Nathaniel relata que desmaiou.

Aqueles que optam por uma interpretação racional deste acontecimento reconhecerão na fantasia da criança a influência persistente da história da ama, considerando este acontecimento como a primeira crise de loucura.

Um ano depois desse incidente, o pai de Nathaniel morre, no escritório, devido a uma explosão. O advogado Coppélius, que estava presente no momento da explosão, desaparece do local sem deixar nenhum rasto.

Muitos anos depois, quando Nathaniel já era estudante e residente numa outra cidade, acreditou ter reconhecido o fantasma, que o perseguiu na infância, num oculista italiano chamado Giuseppe Coppola. Giuseppe Coppola quis vender barómetros ao estudante, mas ele recusou. Então o oculista retorquiu: “Não quer barómetros? Não quer barómetros? Eu também tenho uns belos olhos, belos olhos”. Ao escutar o oculista, o estudante ficou extremamente consternado, no entanto, a sua angústia foi apaziguada quando descobriu que os olhos a que o italiano se referia, eram apenas uns óculos inofensivos. No final, acabou por comprar, a Coppola, uns binóculos de bolso. Foi com esses binóculos que Nathaniel começou a observar a casa do Professor Spalanzani. A sua intenção era espiar Olympia, a filha de Spalanzani. O estudante considerava-a linda, mas estranhamente calada e imóvel. Rapidamente ele se apaixonou por ela de forma tão violenta que, por sua causa, ele quase esqueceu a rapariga inteligente e sensível de quem estava noivo, Clara. Mas Olympia era, apenas, um autómato, cujo mecanismo foi feito por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Coppola.

Um certo dia, o estudante surpreendeu os dois Mestres a disputar a sua obra conjunta. O oculista levava a boneca de madeira, mas sem os olhos. O responsável pelo mecanismo, Spalanzani, pegou os olhos ensanguentados de Olympia, que estavam no chão, e atirou-os contra o peito de Nathaniel, dizendo que Coppola os tinha roubado ao estudante. Este foi mais um delírio de Nathaniel, que terminou com o estudante a tentar estrangular Spalanzani.

Algum tempo depois, quando Nathaniel parecia já estar recuperado de uma grave doença, decidiu que iria casar com a sua noiva, com quem já se havia reconciliado. Um dia, os dois estavam a caminhar pelo mercado da cidade, sobre o qual recaia a enorme sombra da torre alta da Câmara Municipal. Por sugestão da rapariga eles subiram a torre, deixando para trás o irmão dela, que os estava acompanhar. Do cimo, a atenção de Clara é atraída por um objecto curioso, que se movimentava rua abaixo. Nathaniel olhou para baixo através dos binóculos de Coppola, que ele encontrou no seu bolso, e teve um novo ataque de loucura. Começou a gritar: “Gira, boneca de madeira! Gira”. Seguidamente, tentou atirar a noiva dali de cima. O seu irmão, ouvindo os gritos de socorro de Clara, corre em seu auxílio, salvando-a e trazendo-

a em segurança. Na torre, o louco, movimentando-se em passos rápidos, volta a gritar: “Gira roda de fogo. Gira!” De entre as pessoas que se começam a juntar-se em baixo, surge a figura do advogado Coppélius, que regressou subitamente. Podemos presumir que foi a proximidade do advogado, vista através dos binóculos, que fez com que Nathaniel tivesse o seu acesso de loucura. Quando os espectadores se preparavam para subir à torre e agarrar o demente, Coppélius riu-se e disse: “Esperem um pouco. Ele irá descer sozinho”. Subitamente, Nathaniel ficou petrificado, olhou para Coppélius deu um grito selvático: “Sim! Belos olhos! Belos olhos!” e atirou-se do parapeito. Enquanto ele jazia nas pedras da calçada com o crânio despedaçado o “homem de areia” desapareceu no meio da multidão (Freud, 1919/1981).

Segundo Freud (1919/1981), E. T. A. Hoffmann conseguiu, nas suas fantásticas narrativas, produzir em diversas circunstâncias o sentimento de inquietante estranheza. Neste conto do “homem de areia”, o escritor cria, no início, um certo tipo de incerteza em nós, não nos deixando saber, sem dúvida propositadamente, se nos está a conduzir pelo mundo real ou por um mundo fantástico criado por si. O tema central deste conto é o de um homem que arranca os olhos às crianças. O autor menciona que esta é uma narrativa que pode estar relacionada com a ansiedade de castração, na medida em que é possível substituir o “homem de areia” pelo pai temido, em cujas mãos a castração é esperada, assim como também se deve ter em conta que o medo da perda dos olhos é proporcional ao medo da perda do órgão masculino.

Outro tema que, de acordo com o Freud, podemos destacar a partir do conto, diz respeito ao fenómeno do duplo. Este fenómeno aparece no conto de diversas formas e graus de desenvolvimento. O fenómeno é verificado, por exemplo, quando Nathaniel procede a uma dupla identificação entre o “homem de areia” e as outras personagens com quem se cruza, nomeadamente Coppélius, Coppola e até o próprio pai que apresenta um olhar temível. Verifica-se uma perda da distanciação. Coppélius, detentor de características que despoletam medo nas crianças, tal como o homem de areia, é acusado por Nathaniel por ter tentado atirar pedaços de carvão quente e avermelhado nos seus olhos. Estes pedaços de carvão quente e avermelhado são equivalentes à areia que o “homem de areia” atira para os olhos das crianças. Por sua vez, Coppola também é alvo de uma dupla identificação, despertando sentimentos de inquietante estranheza a Nathaniel, em diversas ocasiões. Uma dessas ocasiões ocorreu quando o estudante surpreendeu Spalazani e Coppola a disputarem a sua obra conjunta. Nessa altura, teve um delírio, no qual escutou Spalazani a dizer que foi Coppola que lhe roubara os

seus olhos. Assim, Coppola é equiparado ao homem de areia que rouba os olhos das crianças (Freud, 1919/1981 & Sami-Ali, 1993).

Ao longo de todo o conto, é também possível constatar que se materializam as dúvidas de Nathaniel relativamente ao seu próprio Eu. No que diz respeito a esta questão, Freud menciona que quando o sujeito se identifica de uma maneira profunda com outra pessoa, pode ficar em dúvida sobre quem é o seu próprio Eu, ou até substituir o seu Eu por um estranho. Por outras palavras poderá ocorrer uma duplicação, divisão ou troca do Eu.

No conto, poderemos questionar-nos se Nathaniel se confunde, a determinada altura, com um ser inanimado. No delírio, acima referido, em que o estudante vê Spalanzani a pegar nos olhos ensanguentados de Olympia e atirá-los contra o seu peito, dizendo que Coppola os tinha roubado ao estudante, apercebemo-nos que os olhos de Olympia passam a ser os seus olhos. Assim, atribui características inanimadas a si próprio. Mas, o mais entusiasmante nesta narrativa, é que se pode abordar este acontecimento e outros que são descritos pelo autor, através de um movimento que vai no sentido inverso. Como por exemplo, quando Nathaniel se apaixona por Olympia, verificamos que o inanimado é visto como algo animado. Esta questão foi abordada por Jentsch e referida por Freud. De acordo com o autor, a incerteza intelectual quanto a um objecto ter vida, ou não, ou quando um objecto inanimado se torna excessivamente parecido com um objecto animado, também propicia que se despertem sentimentos de estranheza.

Às situações, aqui mencionadas, que proporcionam o despertar de sentimentos de estranheza, acrescem-se outras, abordadas de forma sucinta pelo autor, nomeadamente o factor de repetição involuntária e a onnipotência dos pensamentos. Relativamente ao factor de repetição involuntária, Freud utilizou como exemplo a repetição constante de um número em situações independentes. Por exemplo, se nos depararmos com o número 62, várias vezes no mesmo dia e em momentos diferentes (ex: endereços, quartos de hotel, compartimentos de transportes etc.), certamente que iremos estranhar este acontecimento. No que diz respeito à onnipotência dos pensamentos, o autor deu o exemplo de um paciente seu, neurótico obsessivo, que desejou a morte de uma pessoa e passadas duas semanas essa pessoa veio realmente a falecer. É inevitável que este facto não causasse o sentimento de estranheza, mas

mais forte seria o efeito quanto menos tempo passasse entre o proferir do desejo do paciente e o infeliz evento.

Atendendo ao aqui exposto, percebemos que a inquietante estranheza é um tema vasto e complexo que se pode interligar com várias teorias diferentes. Mas, ainda nos falta debruçar sobre aquilo que o autor considera ser a essência deste estudo. Referimo-nos ao tema do familiar e do estranho.

Como já foi mencionado, unheimliche está relacionado com algo que é assustador e que despoleta sentimentos de horror e pavor. Já vimos que existem vários acontecimentos, pessoas e experiências que nos causam sentimentos estranhos. Muitas vezes, somos tentados a concluir que a inquietante estranheza é assustadora porque estamos no domínio do desconhecido. No entanto, esta conclusão é incorrecta, porque nem tudo o que é desconhecido é assustador. É necessário acrescentar-se algo àquilo que é novo e desconhecido, para que se dê origem à inquietante estranheza. Esse algo é, precisamente, aquilo que antes era familiar. Assim, Das Unheimliche designa aquilo que é inquietante por ser simultaneamente estranho e familiar (Freud, 1919/1981 & Sami-ali, 1993).

Sami-ali (1993) afirma que a fonte do pavor da inquietante estranheza é aquilo que era familiar, mas que se tornou irreconhecível pelo recalçamento. Para melhor explicar, pode-se afirmar que houve um fracasso no recalçamento, na medida em que o objecto que era familiar retorna. Mas neste retorno, o objecto sofre uma modificação profunda e de familiar converte-se em algo estranho e o estranho passa a ser inquietante pela sua proximidade absoluta. O autor acrescenta, ainda, que existem determinadas condições para que aquilo que era familiar passe a ser estranho e aquilo que era estranho passe a ser familiar, sendo uma das condições a abolição de limites entre o real e o imaginário. O sujeito projecta o que considera ser intolerável em si. Assim, no acto de projectar as partes do próprio são percebidas como sendo um outro. O familiar converte-se desta maneira no estranho. Por outro lado, existe um outro movimento que vai no sentido inverso, que se refere ao facto de o objecto da percepção possuir também características que conduzem, mais facilmente, à evocação do espaço primitivo. Assim, o objecto real e perceptível é alvo de alterações devido à existência deste espaço primitivo e imaginário que acaba por emergir. O fora passa a ser o reflexo do dentro e a percepção torna-se num processo inconsciente de projecção. Deste modo, a imagem do

outro pode ser vista como uma devolução da imagem do sujeito, passando assim o estranho a familiar, constatando-se uma perda de distanciação. Como se pode verificar, existem dois movimentos que vão no sentido contrário, mas que acabam por culminar “no mundo da metamorfose do mesmo”. Este é um mundo onde o outro é a imagem do sujeito, isto é, “*o objecto não é objecto, ele é eu*” e onde o sujeito se apreende como um outro ou seja “*eu não sou eu, eu sou o objecto*” (op. cit. p. 41).

Bach (1975) afirma que existe uma prevalência de experiências de inquietante estranheza em sujeitos com distúrbios narcísicos. A autora tem em linha de conta a teoria de Spitz, “*Derailment of the dialogue*”, que se refere ao diálogo existente entre a mãe e o bebé. O diálogo é o ciclo da sequência acção reacção, em que a acção do bebé desencadeia uma reacção da mãe e vice-versa. É este ciclo que permite, pouco a pouco, transformar os estímulos sem significados em signos significativos. A existência de interrupções constantes nestes ciclos de acção reacção irá resultar na inibição e distorção na formação do ego e da estrutura psíquica. Os diálogos frustrantes e a acumulação dos ciclos de acção não consumados resultam numa variedade de respostas narcísicas. Bach cita alguns exemplos de um dos seus pacientes, cujas respostas oscilavam entre posições de submissão (masoquistas) e posições de dominação (sádicas). Por um lado, este reconhecia a sua necessidade de dependência, idealizando uma relação que não podia ser mantida por não existir nenhum objecto real disponível “*Sou um brinquedo nas mãos de Deus*”. Por outro, defendia-se da sua necessidade, “*agarrando-se*” a um Eu grandioso que se tornava assustador “*O mundo, por vezes, assusta-me. Parece que tudo sou eu*”.

Estas posições masoquistas e sádicas podem ser relacionadas com os dois movimentos que Sami – Ali (1993) se refere, sendo a posição masoquista “*eu não sou eu, sou o objecto*” e a posição sádica “*o objecto não é objecto, ele é eu*” (op. cit. p. 41).

Bach (1975) sugere ainda que a posição masoquista está associada à depressão, que pode constituir um perigo da perda do Eu e conduzir a fantasias de fusão com o objecto. Por sua vez, a posição sádica está associada à mania que pode constituir um perigo de “*explosão*” do Eu devido à excessiva estimulação e às ansiedades destrutivas.

A autora pretende demonstrar a verdadeira natureza de uma “identidade confusa” que oscila entre posições especulares e posições de idealização e que decorrem para manter o sentido de realidade e continuidade.

3. A inquietante estranheza e o transexualismo

A aceitação do fenómeno transexual não é a mesma nas diferentes partes do mundo. E se em determinadas sociedades este fenómeno é visto com alguma naturalidade, em outras causa alguma inquietação e não é visto com bons olhos.

Podemos especular se esta inquietação poderá estar relacionada, ou não, com o facto de o transexualismo ser o resultado de algo que está no meio de dois elementos que nos são familiares, isto é, o ser homem ou mulher. O observador exterior é confrontado com uma realidade em que existe uma procura de aniquilamento de um destes elementos, podendo causar alguma inquietação.

Mas, não é a inquietação do observador exterior que aqui nos interessa abordar, mas sim a do próprio transexual. É certo que no transexual existe uma tentativa constante de aniquilar o próprio sexo biológico e por contrapartida verificam-se tentativas incessantes de se alcançar o sexo oposto. É bem possível que a nível exterior, isto é físico, o transexual seja bem sucedido, não deixando vestígios de um dia ter sido homem ou mulher. No entanto, a questão que aqui se coloca é se o mundo interno ainda esconde o homem ou a mulher que um dia o transexual foi. Para além de procurar sinais da presença do sexo biológico no mundo interno do sujeito, pretendemos perceber o porquê da procura do aniquilamento deste. Mas, é de ressaltar que o nosso objectivo último é tentar estabelecer uma relação entre o transexual e a inquietante estranheza que este poderá sentir, sendo, sobretudo, importante averiguar como nasce a crença de se pertencer ao sexo oposto e se esta crença assenta sobre alicerces seguros, ou não.

De acordo com as considerações teóricas, referentes ao fenómeno da inquietante estranheza, sabemos que este é um fenómeno que predomina em sujeitos com distúrbios narcísicos. As considerações teóricas que se prendem com o transexualismo, também nos demonstram que o sujeito transexual tem o narcisismo ferido. Chiland (2005) afirma que o transexualismo é a “doença do narcisismo” e que o sujeito não se tolera a si próprio. Oppenheimer (1992, 1996)

refere que o pai é um forte contributo para a existência desta ferida narcísica, na medida em que este rejeita o filho, futuro transexual e não o reconhece como membro pertencente ao sexo masculino. O filho sente-se desvalorizado, deprime-se e começa a desinvestir na sua masculinidade. No tocante ao papel da mãe, a autora menciona a inexistência de reacções de admiração e de incentivo para o investimento numa identidade sexual masculina. Stoller (1975/1982), por seu lado, afirma também que existe uma relação de proximidade muito intensa entre mãe e filho e que a mãe não pretende deixar o filho partir desta relação fusional. Em qualquer uma destas situações, a mãe age de forma inadequada, facto que terá repercussões no filho. Recordemos que Bach (1975) baseando-se na teoria de Spitz, também concede particular atenção ao diálogo entre a mãe e o bebé, referindo a importância da existência de respostas específicas da mãe face às acções do bebé para a formação de um ego “saudável”. Assim, é possível estabelecer um ponto de ligação entre perspectiva de Bach e os autores anteriormente mencionados, na medida em que a inexistência de respostas adequadas, por parte da mãe do transexual, poderá ser um forte contributo para a distorção da formação do ego do filho e toda a sua estrutura psíquica.

Retomando a teoria de Oppenheimer (1996), no que diz respeito ao papel do pai, percebemos que o que está na base da transexualidade é a fuga à masculinidade. É a fuga ao sentimento de ser-se um homem fracassado uma vez que, como foi referido, o pai não reconheceu o filho como membro pertencente ao sexo masculino. É por este motivo que o transexual passa a investir na feminilidade. No entanto, o corpo masculino do transexual é um meio de constante evocação do passado traumático da criança, passado este que tem de ser aniquilado a todo custo, sendo neste contexto possível relacionar o transexualismo e o conceito de inquietante estranheza de Freud. A inquietante estranheza advém do fracasso do recalçamento. Para que o recalçamento falhe é necessário que algo o evoque, sendo este algo possuidor de características que relembram o espaço primitivo reprimido. Neste sentido, é possível que o corpo biológico do transexual evoque a lembrança de um pai que o desvalorizou, um pai odiado. De notar que Sami-Ali (1993) referiu a existência de um duplo movimento na inquietante estranheza. Assim sendo, o movimento que vai no sentido inverso ao que aqui foi mencionado, seria a projecção no qual as características do próprio passam a ser vistas como sendo um outro, por serem intoleráveis. Por outras palavras, pode-se considerar que o transexual não reconhece o corpo biológico como sendo o dele, pelo facto das suas

características masculinas, que não foram valorizadas, serem intoleráveis para este, passando a serem vistas como sendo de um outro.

Saliente-se que Oppenheimer (1996) menciona que o transexual se identifica com a mãe como forma de compensação pela impossibilidade de se identificar ao pai. Neste contexto é oportuno citar as palavras de Chiland (2005) que afirma que no transexualismo “existe uma ameaça do próprio Ser” e que a procura incessante de se tornar num outro se faz a partir de uma continuidade narcísica. Do mesmo modo, Bach (1975) referiu-se a um dos seus pacientes que sentiu a necessidade de se “agarrar” a um Self grandioso para salvaguardar o seu sentimento de existir.

Resumidamente, percebemos que o transexual ao procurar evitar “o mundo da metamorfose do mesmo” relativamente ao ser masculino, estaria a criar outro mundo semelhante, juntando no mesmo espaço o homem desvalorizado (o familiar) e a crença de ser mulher (o estranho). Atendendo à teoria de Sami- Ali (1993), o familiar é a fonte de pavor e neste caso, de acordo com a teoria de Oppenheimer (1996), a fonte de pavor é, precisamente, esse sentimento de ser-se um homem desvalorizado, pelo que o transexual sente necessidade de aniquilar este sentimento através da procura da pertença a um objecto novo: o ser-se mulher.

Já vimos que no transexualismo existe a possibilidade do corpo ser a fonte de inquietante estranheza, uma vez que pode ser visto como sendo simultaneamente familiar e estranho. Da mesma forma, também já percebemos que o próprio transexual pode constituir, por si só, um mundo inquietantemente estranho ao juntar no mesmo espaço a lembrança de um homem que não foi suficientemente estimado e a tentativa de ser-se mulher a todo custo. Podemos, ainda, abordar o sentimento de pertença ao sexo oposto como sendo a causadora da inquietação.

De acordo com Stoller (1993), o desenvolvimento do transexualismo M-F ocorre de um modo aconflitual. A identidade de género do sujeito forma-se rumo à feminilidade através de uma identificação massiva com o sexo feminino, não existindo nenhum obstáculo no seu percurso. Deste modo, o sujeito cria o sentimento de pertença ao sexo oposto, tornando-se este sentimento pertencente ao domínio do familiar, na medida em que a feminilidade é a única realidade que o sujeito conhece. Contudo, este mesmo sentimento pode pertencer, igualmente, ao domínio do estranho quando o sujeito se confronta no espelho com um corpo do sexo

contrário. Não havendo respostas biológicas que comprovem que aquele corpo é um engano, é natural que o sujeito transexual se questione sobre a sua natureza. É impensável que este fique indiferente relativamente a esta questão, pois esse será o factor que irá diferenciá-lo de todas as outras mulheres, fazendo dele um eterno transexual. Assim, o sentimento de pertença ao sexo oposto traz sofrimento, uma vez que o indivíduo tem de travar uma luta constante para não se lembrar de um passado ou um presente em que se confronta com um espelho que lhe mostra um corpo biologicamente normal. A esta situação, acresce as pessoas que o rodeiam (amigos, colegas etc.) e fazem troça das suas atitudes afeminadas, demonstrando que quem está enganado é ele (Chiland, 1989). Esta ideia, de que o transexual M-F se sente diferente relativamente às mulheres verdadeiras e, por isso, sofre, baseia-se também no aumento do aparecimento de transexuais nas psicoterapias, após a realização da intervenção cirúrgica de redesignação sexual. Estes referem que mantêm um descontentamento, pois apesar de terem um corpo desejado, ainda, não se sentem totalmente como mulheres ou homens (Quinodoz, 1998).

Qualquer uma das reflexões aqui expostas, em relação ao que pode ser familiar ou estranho, implica a que tenha ocorrido uma abolição dos limites, no qual o próprio pode-se tornar num estranho, reflectindo-se numa identidade confusa. Chiland (2005) afirma que no transexualismo vislumbra-se um não reconhecimento dos próprios limites corporais. Segundo a autora, a bissexualidade, integrada em todos nós, permite-nos colocar no lugar do outro sem perder o nosso sentimento de ser homem ou mulher, enquanto no transexualismo se verifica a perda desta capacidade. Deste modo, perante o não reconhecimento dos próprios limites sobrepõe-se a incerteza. Por sua vez, Stoller (1993) refere, igualmente, que no transexualismo ocorre uma transposição dos limites, uma vez que a mãe interage com o filho, tomando-o como um prolongamento da própria. A identidade confusa também é fundamentada por Sami-Ali (1993) através da abolição dos limites entre o real e imaginário. Desta forma, tanto no transexualismo como na inquietante estranheza surge a dúvida do que pode ser real ou imaginário.

Recordemos que Freud (1919/1981) também mencionou que as dúvidas, relativamente ao próprio Eu, podem dever-se a uma identificação massiva com outra pessoa, podendo inclusive chegar-se a substituir o próprio Eu (self), por um estranho. Assim, percebemos que nesta

identificação com o outro pode haver o perigo de se deixar de ter a noção da riqueza, da complexidade, dos limites da própria pessoa. Questionamo-nos, então, se o transexual não se reconhece a si próprio devido a uma identificação massiva com um outro. Consideramos que tendo origem na mesma natureza, isto é, devido a um não reconhecimento dos limites e da riqueza da pessoa, também se encontra o fenómeno do duplo. O autor afirma que as dúvidas em relação ao próprio, não só podem conduzir a uma troca do Eu, como também a uma duplicação e divisão do mesmo. Freud (1919/1981) tem em linha de conta as teorias de Otto Rank e refere que, inicialmente, o fenómeno do duplo era justificado pela necessidade de segurança contra a destruição do Ego. Assim, perante a eminência da morte do Self, o duplo apareceria como forma de salvaguardar o próprio, poderia ser compreendido como uma “enérgica negação do poder da morte”. Posteriormente, foi atribuída uma outra função ao duplo, que teria a tarefa de observar e criticar o Eu, exercendo uma censura dentro da mente, que conhecemos como consciência. A teorização do fenómeno do duplo, leva-nos a reflexões mais profundas relativamente ao desenvolvimento do transexualismo, na medida em que concede-nos a ideia de que a identificação com o sexo oposto pode derivar do sentimento de que ser-se masculino está sentenciado a morrer. Por outro lado, esta teorização, viabiliza também a ideia de que pode existir algum tipo de censura na mente do transexual no que diz respeito ao seu sexo (ex: vergonha de ser homem), que motiva busca de ser-se mulher. Em qualquer um destes casos damos-nos conta que a procura de pertencer ao sexo feminino advém de uma necessidade de fugir ao caos circundante que o ser-se masculino proporciona.

Na base de qualquer reflexão está uma infância perturbada. A criança pertencente a uma determinada conjuntura familiar cria convicções deturpadas relativamente à sua identidade sexual. Na adolescência ocorre o reforço da identificação idiomórfica, referida por Coimbra de Matos (1996), assim por esta altura as convicções, anteriormente mencionadas, são normalmente confirmadas através da vivência de frustrações associadas à formação de um corpo sexuado. O facto de o sujeito não conseguir cumprir as exigências de uma imagem masculina viril, conduz à evocação de um passado tenebroso, acentuando a convicção de que pertence ao sexo oposto (Chiland, 2005). O conto de Hoffmann retrata bem a influência que as nossas convicções primitivas exercem na vida. Elementos similares ao nosso passado, facilmente, levam à evocação do espaço primitivo. Como por exemplo, Nathaniel acreditou ter reconhecido o fantasma que o perseguiu na infância em Coppola devido às semelhanças

que ambas as figuras possuíam, nomeadamente, o facto de ambos assumirem papéis no qual se constatava uma dedicação especial aos olhos.

Se nos debruçarmos com um olhar atento sobre as teorias do transexualismo e da inquietante estranheza, podemos verificar que o ponto de ligação destas duas teorias assenta na matriz do “Ser e do não Ser”. Estas palavras recordam-nos o filósofo Parménides. De acordo com o autor “*O Ser é e o Não-ser não é. O Ser é, sempre foi e sempre será e o Não-ser não é, nunca foi e nunca será*”. Por fim, este mesmo filósofo refere a existência de um outro espaço ilusório que se designa por “Vir-a-Ser”, este é aparentemente habitado pelo Não-ser e pelo Ser. Embora, o “Vir-a-Ser” proporcione a ilusão de que o Não-ser é, a realidade é que este não é, nunca foi e nunca será, enquanto o Ser é, sempre foi e sempre será (Parménides in Monteiro & Real, 1999).

As teorias podem interligar-se entre si se tivermos em linha de conta a presença de opostos a habitarem no mesmo espaço, nomeadamente o familiar e o estranho, o masculino e o feminino, o Ser e o Não-ser.

Da teoria da inquietante estranheza podemos citar o exemplo do advogado Coppélius. Este é identificado por Nathaniel como sendo o “homem de areia”. Mas, quem lê o conto fica na dúvida se de facto Coppélius é o homem de areia, ou se seria apenas um delírio de Nathaniel. Coppélius não pode simplesmente Ser e Não-ser ao mesmo tempo o homem de areia. Cria-se um sentimento no leitor em que se constata uma necessidade de obter resposta imediata para esta dúvida. Por um lado, temos um objecto novo na história, que é o advogado. Por outro, surge uma inquietação no leitor por considerar que este objecto pode ser pertencente ao domínio familiar, passado e já conhecido por ele, sendo este o homem de areia. A dúvida é criada, propositadamente, pelo autor do conto, criando no leitor o sentimento de inquietante estranheza.

O presente trabalho pretende demonstrar que a mesma inquietação existe no transexualismo. Da mesma forma que o autor do conto não concebeu a história de forma a estarmos certos se o advogado é, ou não, o homem de areia, acreditamos também que o transexual não teve um passado que o permitisse perceber, com clareza, os limites e a riqueza do seu corpo para ter a certeza de que é homem ou mulher. E tal como o leitor pretende ler o conto,

ansiosamente, até ao final para tirar as suas dúvidas, o transexual M-F vai em busca do ser-se feminino na tentativa de encontrar um espaço reconfortante em que possa, eventualmente, esclarecer o que realmente ele é.

Poderíamos continuar esta dissertação verificando todas as possibilidades de resposta do que o transexual poderia ser ou não ser. Ser ou Não-ser, eis a questão?! Podíamos especular, jogando com as palavras de Parmênides, se o transexual é um Ser que pretende Não mais Ser ou se é um Não-ser que por momentos pensa “Vir -a-ser”. A procura de decifrar se o transexual é um Ser ou um Não-ser, isto é, se é por exemplo um “homem fracassado” que pretende não mais ser e por isso se torna mulher, ou por outro lado, não é um homem, mas sim uma mulher (tal como proclama ser) mas que, por momentos, devido ao corpo que tem passa a ter dúvidas, tornaria o nosso trabalho infundável. Não sabemos o que pertence ao domínio do familiar e ao domínio do estranho no mundo do transexual. Mas antes de procurar a resposta para algo que não temos a confirmação se existe, o mais correcto é divagarmos por terrenos férteis e confirmar a presença destes dois elementos. Para melhor explicitar, é importante frisar que o âmbito deste trabalho é demonstrar que o transexual vive permanentemente num impasse não resolvido, em que tanto o masculino e feminino, o familiar e o estranho, o Ser e o Não-ser entram simultaneamente em acção, não havendo um objecto exclusivo e seguramente internalizado. Sendo o nosso objectivo verificar se o transexualismo apresenta um espaço similar ao da inquietante estranheza, realçamos os pontos que consideramos comuns. Assim, destaca-se a existência de distúrbios narcísicos, o pavor e o horror sentidos pelo próprio e uma identidade confusa perante duas realidades opostas, na qual se constata a ameaça de Ser. Resta-nos confirmar se este raciocínio é correcto. Pretendemos encontrar, no mundo interno do sujeito transexual, não só identificações femininas, como também resíduos da masculinidade, devido à existência da dúvida do que é real ou imaginário, associado a uma identidade sexual que não foi bem consolidada. Esta ideia assenta na falta de reconhecimento da riqueza e dos limites corporais, indicando que não existe nenhum objecto seguramente internalizado.

4. Objectivo do estudo

Atendendo às considerações teóricas que se prendem com o transexualismo e com a inquietante estranheza, pretende-se compreender a dinâmica interna de um indivíduo transexual primário M-F. Este estudo tem a finalidade de discutir como é que o transexualismo se constitui num espaço inquietantemente estranho. Saliente-se que a inquietante estranheza, aqui mencionada, tem como base a teoria de unheimliche de Freud (1919/1981). Assim, serão analisados a representação que o sujeito faz de si, em termos de imagem corporal e de identidade, e a representação que o sujeito faz das relações. Estes parâmetros de análise irão, sobretudo, centrar-se sobre os limites do Eu e do Outro. Iremos, ainda, analisar se existe, ou não, o reconhecimento da diferença e da função de cada um dos sexos e estaremos atentos aos mecanismos de defesa utilizados.

Em termos mais específicos, da análise da representação que o sujeito faz de si, a nível identitário e corporal, o nosso objectivo é verificar se este nos concede imagem consolidada, ou não, e se esta é predominantemente masculina ou feminina, ou se, por outro lado, não existe nenhum predomínio específico e conseqüentemente o sujeito não possui a segurança suficiente para se afirmar como um membro pertencente a um dos sexos. Destaque-se que esta última ideia é aquela que defendemos na presente tese, uma vez que a incerteza, perante duas realidades, é o que torna o espaço psíquico como sendo inquietantemente estranho. Esta incerteza advém de uma falta de clarificação de limites em que o Eu e o Outro se confundem no mesmo espaço, desencadeando a inquietante estranheza. O mesmo processo ocorre em Nathaniel quando o estranho e o familiar actuam simultaneamente e as barreiras entre o real e o imaginário são quebradas (Freud, 1919/1981 & Sami-Ali, 1993). No nosso entender, baseando-nos na teoria de Chiland (2005), o transexual não se consegue colocar no papel do Outro, sem perder a sua própria identidade. É, desta forma que, no que diz respeito à representação das relações, pretendemos verificar se o sujeito perde, ou não, a sua identidade na relação com o Outro. Estaremos atentos se serão, ou não, representadas relações fusionais. Refira-se que concederemos uma maior importância à questão identitária, uma vez que as considerações teóricas do fenómeno transexual, nomeadamente de Chiland (1989) e Oppenheimer (1996), levam-nos a afirmar que a sexualidade é algo que se encontra em segundo plano sendo que o problema que se encontra em destaque, por resolver, é a questão identitária. Contudo, é de referir, que ao proceder à análise da representação que o sujeito faz

de si e das relações, iremos, no mesmo momento, ter em linha de conta a forma como o indivíduo compreende as diferenças e as funções de cada um dos sexos, sendo que os modelos de identificação terão uma forte influência nesta matéria. Acresce-se, para finalizar, que pretendemos confirmar a presença de uma falha narcísica, bem como tentar perceber em que medida esta falha narcísica contribui para um constante ataque corporal do próprio. Esperemos que a análise destes parâmetros nos esclareça sobre o porquê da impossibilidade de o transexual integrar o corpo e a mente no mesmo espaço psíquico, bem como nos torne claro as angústias evasivas presentes no transexualismo, constituindo-se estas como uma fonte de pavor.

Pretendemos esclarecer se será o corpo biológico do transexual a fonte de pavor, uma vez que este pode ser um meio de constante evocação do espaço primitivo no qual se vislumbra o não reconhecimento por parte do pai de que o filho pertence ao sexo masculino. Se assim o for, o retorno do recalcado poderá conduzir ao perigo de explosão do Self de que Bach (1975) se refere.

Do mesmo modo, interessa-nos perceber se é devido à projecção, o corpo não é reconhecido pelo próprio, na medida em que as partes intoleráveis do próprio (sentimento de inferioridade masculina) são projectadas para o objecto (corpo), passando o sujeito a ter a noção de que se trata de um corpo que não é seu. Se assim o for, o familiar passa a ser o estranho, podendo ocorrer, de acordo com Bach (1975), o perigo da perda do Eu.

Por fim, a derradeira questão que se impõe é se a identificação do transexual com a mãe é uma forma de evitar “o mundo da metamorfose do mesmo” relativamente ao ser masculino. Por outras palavras, sabemos que o corpo biológico do sujeito poderá ser, ou não, um meio de devolução da imagem do homem fracassado que um dia o transexual foi. Ou no sentido inverso, o sentimento de homem fracassado e o ódio ao pai poderão estar a ser projectados no próprio corpo. A projecção do intolerável faz com que o sujeito não reconheça o corpo. Mas, o que o transexual procura evitar é, precisamente, o encontro do passado com o presente que é possibilitado pelo próprio corpo. Neste sentido, interrogamos se é por esta razão que o sujeito procura um outro corpo, o corpo de uma mulher, cujo encontro com o passado é menos angustiante.

Por outro lado, considerando a teoria de Stoller (1993), a fonte de pavor poderia ser o sentimento de pertença ao sexo oposto, uma vez que sendo a única realidade que o sujeito conhece, ao confrontar-se com um corpo masculino biologicamente normal, esta realidade é posta em causa, permanecendo um vazio interno e convidando as incertezas preenche-lo. São as incertezas que denunciam a abolição dos limites, permitindo vislumbrar uma mãe que não deixa o seu filho partir e que o toma como seu prolongamento, o reencontro com “uma mãe com o órgão sexual masculino”, é esta a sua natureza. Instauram-se as dúvidas, acompanhadas pelo desconforto de não se compreender quem é. Questionamo-nos se será a cirurgia de redesignação sexual uma busca pela resposta! Mantém-se a certeza de que nunca será verdadeiramente homem ou mulher, será sempre alguém que, a nível corporal, nasceu homem e, possivelmente, morrerá mulher.

Independentemente de aquilo que o transexual poderia ser ou não, interessa-nos, antes de mais, compreender o que está na base do seu sofrimento psicológico. Interrogamo-nos o que o conduz à intervenção cirúrgica e qual a causa para que, posteriormente, um número crescente de transexuais dirija-se às psicoterapias, após a cirurgia de redesignação, afirmando não se sentirem nem totalmente mulheres nem totalmente homens. É neste sentido, que consideramos o estudo do funcionamento dos limites como uma das pedras basilares do nosso trabalho, na medida em que o não reconhecimento dos limites é a principal causa para que um objecto se transforme num outro. É a revelação da não existência de um objecto específico no mundo interno do sujeito.

Para obtermos uma melhor compreensão do caso, iremos utilizar a prova projectiva Rorschach, que revela ser um instrumento privilegiado, pelas suas características, pela solicitação simbólica latente e pela tonalidade emocional que acarreta no confronto com as manchas, para aceder ao funcionamento psíquico do sujeito. A prova viabiliza o estudo, de forma profunda, das diferentes dimensões que foram anteriormente explicitadas, isto é a representação que o sujeito faz de si e a representação que faz das relações, possibilitando-nos debruçar, sobretudo, no funcionamento dos limites, que cuja instabilidade é a principal causa para o despoletar da inquietante estranheza.

De salientar que o estudo de protocolo que aqui é realizado diz respeito a um indivíduo que já se submeteu a todas as intervenções cirúrgicas para a alteração do sexo. Este dado é relevante

na medida em que nos concede uma melhor noção da articulação existente entre mente e corpo após a conquista do corpo desejado.

Neste estudo do protocolo iremos averiguar se o passado do sujeito foi eliminado (em termos psíquicos) ou se este permanece no mundo interno do transexual, não lhe permitindo ser fielmente a mulher que anseia ser, uma vez que não consegue banir a realidade de que nasceu homem. Neste sentido, estaremos perante uma constante ameaça de Ser, referida por Chiland (2005), podendo ser esta a razão para a ocorrência de suicídios de transexuais após a cirurgia de redesignação sexual (Pauly in Midence & Hargreaves, 1997). O presente estudo poderá, ainda, esclarecer-nos, neste caso em específico, se a transformação de algo externo conseguiu, ou não, apaziguar o tormento do mundo interno.

5. Modelo de estudo

O presente trabalho consiste num estudo de caso que visa obter um maior conhecimento sobre o funcionamento psíquico do participante e da problemática em questão, isto é, pretende-se compreender como se pode organizar a inquietante estranheza no transexual M-F.

Elegemos a metodologia de estudo de caso, pois parece-nos a mais apropriada para o problema em estudo, sendo também as características do sujeito em análise as mais favoráveis para melhor dar respostas ao problema formulado.

O estudo de caso é uma metodologia de investigação qualitativa que incide, de modo intensivo e minucioso, sobre uma entidade bem definida: o caso. Pretende-se com o estudo de caso conhecer, compreender, descobrir e explorar a entidade na sua unicidade e no seu todo (Coutinho & Chaves, 2002). Para Yin (2001), esta metodologia qualitativa, com o seu carácter empírico, contribui, de forma inigualável, para a compreensão, em profundidade, de fenómenos individuais, sendo a estratégia privilegiada para situações onde o *como* e o *porquê* são as questões principais. O autor afirma que a adequabilidade do método passa por diversas condições fundamentais, entre as quais, salienta-se que o fenómeno a estudar deve referir-se a um contexto real de vida, não pode requerer o controlo dos comportamentos observados e deve ser contextualizado no tempo e no espaço. Uma das vantagens primordiais do estudo do caso prende-se com a possibilidade de se poder focar em pontos únicos que se poderiam

perder em estudos de maior escala e que se podem constituir na essência para a compreensão da situação (Morais, 1994). Destaque-se que um estudo de caso requer, sempre, que a amostra tenha sido constituída de forma intencional, baseada por critérios pragmáticos e teóricos, nunca de forma aleatória e/ou para responder a critérios probabilísticos (Coutinho & Chaves, 2002). Refira-se que para proceder ao estudo de caso, iremos utilizar uma metodologia projectiva, cujo domínio de referência é a teoria psicanalítica, uma vez que considerarmos que esta é a que melhor permite aceder ao funcionamento psíquico do sujeito. O critério essencial do método projectivo é a possibilidade de submetemos um indivíduo a um material suficientemente leve, vago, impreciso, convidando-o a dar uma ilustração, uma explicação verbal, na qual se exprimirão as forças inconscientes da sua personalidade (Houareau, 1978). É feito o apelo à imaginação precisamente pela ambiguidade do material e pela liberdade que é dada ao sujeito para responder. As instruções proporcionam, claramente, este sentido de liberdade. E assim, como refere Anzieu (1961/1978), “*o sujeito é condenado a ser livre, isto é, a revelar-se*” (op. cit. p. 24). Qualquer expressão do sujeito, verbal ou não, é considerada como tendo valor significativo, pelo simples facto de ter sido emitida. A fantasia interior é expressa a partir de uma actividade interpretativa e construtiva, onde é dado um sentido ao percepto apreendido. É de referir, que surge, com os testes projectivos, a valorização do simbólico, na ausência da realidade imediata, é possível constató-la e integrá-la dentro do indivíduo. Assim, destaca-se que as técnicas projectivas possuem esta magnânime capacidade de captar o mundo simbólico, que por diversas vezes é difícil de ser expressado, pelo indivíduo, em linguagem verbal (Formiga & Mello, 2000). Para o nosso estudo, como foi referido anteriormente, iremos utilizar a prova projectiva de Rorschach, cujas virtudes e características serão esclarecidas mais adiante.

6. A prova projectiva de Rorschach

O instrumento que elegemos, para nos ajudar a dar resposta ao problema formulado, foi criado por Hermann Rorschach, em 1920, um médico psiquiatra e artista nas horas vagas. Trata-se de um dos instrumentos mais utilizados por diferentes especialistas como psicólogos clínicos, médicos, psiquiatras, orientadores e psicotécnicos, uma vez que contribui para percebermos a dinâmica do conjunto de uma personalidade e dá-nos a possibilidade de estabelecer um diagnóstico psicológico (Chabert, 1997/2003).

A prova é constituída por 10 cartões que apresentam manchas de tinta com características ambíguas quanto ao seu significado, sendo estas, no entanto, estruturadas em torno de um eixo vertical no qual se organiza uma figura simétrica que possui qualidades perceptivas próprias, tais como a forma, cor e esbatimento. Os cartões são apresentados segundo uma determinada ordem e é questionado ao sujeito: “*O que é que isto poderia ser?*”. É a partir desta instrução que o sujeito começa a interpretar, livremente, o que cada mancha poderia ser (Marques, 1999). Seguidamente, é feito um questionário no qual se pretende esclarecer as interpretações do sujeito relativamente à localização, aos determinantes e aos conteúdos das mesmas. No final, é pedido ao sujeito que escolha os dois cartões que mais gostou e outros dois que menos lhe agradaram. De referir que, todas as respostas, exclamações, comentários qualitativos, hesitações, observações de comportamentos incomuns (risos, agitação etc.), mudanças de posição das pranchas, devem ser anotados com a maior precisão possível. O tempo que o indivíduo leva a dar a primeira resposta e o tempo total de administração, de cada prancha, são cronometrados. Todas as anotações serão alvo de posterior análise (Traubenberg, 1975).

De acordo com Marques (in Chabert, 1997/2003), o Rorschach é um instrumento poderoso de avaliação que tem em linha de conta dois paradigmas distintos. Por um lado, a psicometria, que desempenha um papel preponderante, conferindo uma expressão quantitativa às respostas. Por outro, o modelo psicanalítico, que marca a sua presença uma vez que o próprio instrumento permite a revelação e a expressão de representações inconscientes.

Chabert (1998) afirma que as características imprecisas das manchas constituem a “porta” de acesso ao modo de funcionamento psíquico do sujeito. Segundo a autora, na ausência de configurações concretas do material, “*o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de organização da sua relação com os objectos e dos fantasmas e afectos subentendidos nas palavras-imagens que ele vai dar*” (op. cit. p. 31). Estamos perante uma situação projectiva no qual existe um encontro entre o real e o imaginário. O real é constituído pela materialidade do teste e o imaginário é consagrado através do investimento de significados subjectivos por parte do sujeito. Traubenberg considera o Rorschach como um espaço de interacções em que as características do estímulo, o valor simbólico da situação e das manchas, as componentes das repostas e o processo – resposta, impõem ao sujeito movimentos que vão do perceptivo, do

percebido e da realidade ao projectivo, ao subjectivo e à vivência, estabelecendo-se uma relação entre o mundo interno e o mundo externo do sujeito (in Marques, 1999).

Marques (1999) afirma que as respostas dadas no Rorschach, para além de serem o resultado do encontro e da comunicação entre o interno e o externo, no qual a identificação projectiva entra em jogo, são o resultado da transformação desse encontro e dessa comunicação, dando lugar a um novo objecto. Este novo objecto é fruto da capacidade de criação do sujeito. Assim, o Rorschach é um instrumento imprescindível para “*revelar a actividade de pensar, através de um processo de ligação – transformação – recriação – criação: ligar faz emergir o pensar e pensar é crescer*”. De notar que, para se obter o produto final, isto é, o objecto novo, subentende-se que tenha havido uma passagem por momentos de desorganização, no qual o acto de criar foi vivido como disruptivo. Desta forma, pode-se afirmar que é através da *mudança catastrófica* que é possível o surgimento do símbolo (op. cit. p. 192).

Como se pode verificar, o processo resposta Rorschach decorre num espaço dotado de uma riqueza e complexidade tremenda, no qual se vislumbra o confronto entre o conhecido e o desconhecido, entre o familiar e o não familiar, impondo-se a recriação e tornando-se num “*universo por excelência da significação e da simbolização*” (op. cit. p. 193).

De salientar que para que o processo – resposta seja possível de ser concretizado é necessário a presença de três intervenientes: o sujeito, o instrumento Rorschach e o clínico. O material Rorschach é o objecto mediador que permite o estabelecimento da relação entre o clínico e o sujeito (Chabert, 1997/2003). No seio da relação entre o clínico e o sujeito poderão constatar-se manifestações transferenciais e contra-transferenciais. Repare-se que a aplicação do Rorschach não é vivida do mesmo modo por todos os sujeitos. As sensações e emoções que são dirigidas ao clínico variam de acordo com individualidade de cada um. Por outro lado, na procura da compreensão da individualidade do Outro poderão decorrer reacções contra-transferenciais, que derivam dos valores e expectativas do próprio clínico. Neste sentido, é de extrema importância que o clínico tenha a capacidade de escutar as reacções internas, face às manifestações transferenciais do indivíduo, de modo a saber posicionar-se nesta situação. É neste contexto que é possível compreender o peso da relação entre clínico e sujeito na medida em que este é “*um encontro entre duas subjectividades que irão construir uma intersubjectividade numa interacção singular e singularizante que interfere, e cria, a tarefa a*

levar a termo: interpretar as manchas Rorschach” (Marques, 1999, p.193)

Assim, percebemos porque razão a situação Rorschach “*é uma situação de múltiplos encontros*”, sendo estes encontros a base do produto final, que é a resposta do sujeito (Marques, 1999, p.192).

Seguidamente, descrevemos de modo sucinto o conteúdo manifesto e o conteúdo latente de cada cartão tendo por base a obra de Chabert (1997/2003) na qual se constam diversas descrições de autores como Anzieu e Traubenberg. Iremos procurar focar apenas os pontos comuns que os autores apresentam.

O cartão I é compacto, contém quatro lacunas interiores, contornos recortados e uma abertura superior. Este é o cartão de entrada em contacto com o psicólogo e com a prova, e demonstra o modo de adaptação e de defesa. Apela à temática das relações precoces, nomeadamente à relação com a figura materna.

O cartão II, contrariamente ao anterior, não é compacto e possui uma configuração bilateral. A prancha pode abalar a sensibilidade afectiva e emotiva do sujeito, devido ao aparecimento do vermelho. A presença desta cor pode apelar a afectos muito primitivos e a pulsões agressivas.

O cartão III também possui uma configuração bilateral e supõe a referência a uma representação do corpo humano inteiro na medida em que o seu conteúdo manifesto é muito próximo de silhuetas humanas. Atendendo às suas características, esta é uma prancha em que está patente a problemática da identificação e da representação do sujeito face aos outros, bem como o tipo de relação que este estabelece.

O cartão IV é compacto e desperta uma reacção emocional que é, com mais frequência, negativa que positiva. É o cartão de imagens de força, de domínio e de autoridade que remete para imagens paternas, sendo importante verificar se são assumidas tomadas de posição de submissão ou dominação.

O cartão V, pela sua característica unitária, apela ao sentimento de integridade e à imagem

que o sujeito tem de si próprio. Dá-nos conta da problemática da identidade.

O cartão VI é também compacto e a sua solicitação simbólica está carregada de implicações sexuais. A dimensão fálica impõe-se e a problemática da castração pode aqui exprimir-se. Esta prancha também permite perceber como é que o sujeito se comporta face ao seu sexo e ao outro.

O cartão VII possui uma estrutura aberta e uma configuração bilateral, favorecendo encenações relacionais. Remete para imagens femininas, nas quais a figura materna pode estar subjacente.

O cartão VIII é o primeiro cartão pastel, sendo que a presença da diversidade de cores pode ser considerada a solicitação à comunicação. Permite-nos perceber o investimento do sujeito face ao seu meio, o seu modo de adaptação ao mundo exterior, tendo em conta a organização interna das suas identificações.

No cartão IX, a sua estrutura aberta, a interpenetração das cores e os limites pouco claros, reenviam para posições regressivas. Está patente o simbolismo materno pré-genital. Nesta prancha é frequente os sujeitos evocarem temáticas de gestação e nascimento.

O cartão X possui uma diversidade grande de cores e é muito disperso, colocando à prova a capacidade de unificação do sujeito. Tratando-se do último cartão é importante verificar como é sentida a ruptura da situação.

A partir das descrições dos conteúdos, manifesto e latente dos cartões, é imediatamente possível compreender a pertinência da prova para o nosso estudo. Destaquemos o cartão V que nos concede a noção do Self do sujeito. Este é um cartão valioso, uma vez que o sujeito projecta nele a vivência de si mesmo, podendo através dele verificar a estabilidade e a consistência das imagens fornecidas. É de realçar o cartão III, pois os corpos humanos que são evocados são susceptíveis de serem apreendidos como munidos de seios e/ou pénis. Sublinhe-se, ainda, a importância do cartão VI, pela sua solicitação simbólica carregada de implicações sexuais. Neste cartão, o sujeito tenderá a fazer alusão a um símbolo sexual e é pertinente verificar a simbolização genital a que o sujeito recorre.

É o valor simbólico dos cartões, juntamente com a possibilidade de agrupamento de dados, que torna a o Rorschach uma das provas que permite estudar em profundidade o conjunto de traços da personalidade. O psicograma elaborado no final da aplicação da prova possibilita-nos uma leitura relativamente à adaptabilidade do sujeito, ao tipo de ressonância íntima e aos diferentes modos de pensamento. É possível uma comparação dos valores apurados em relação aos valores normativos. Mas, uma avaliação completa requer, imperativamente, uma análise aprofundada intra e inter cartão das respostas dadas, dos tempos e das formas de reacção.

Como se pode constatar, o Rorschach tem em consideração diversos aspectos que são relevantes para o nosso estudo. É ainda de enfatizar a possibilidade de se verificar a adaptação do sujeito à realidade. Para o efeito, na comparação dos valores apurados, em relação aos valores normativos, tem de se ter em linha de conta os determinantes formais, uma vez que o número suficiente de respostas F pode ser testemunho de um modo de funcionamento normal, indicando uma adaptação realista e operante. Em alguns casos um F+% deficitário é completado por cinestésias. As banalidades fornecidas também indicam a capacidade adaptativa do sujeito.

O facto de a prova ser composta por cartões compactos e cartões de configuração bilateral constitui-se numa mais-valia. Os cartões compactos (I, IV, V e VI) são os que mais facilmente solicitam a projecção do corpo, por oferecerem referências estáveis em que é visível um todo unificado, permitindo uma organização integrativa. No entanto, saliente-se que nos cartões de configuração bilateral (cartões II, III e VII) a representação do corpo também é posta à prova, através da tentativa de unificação face a um material que pode ser sentido como disperso, em que acaba por diversas ocasiões, dar origem a respostas de má qualidade. As respostas formais de má qualidade, como é por exemplo o caso de figuras humanas e/ou animais fragmentadas, podem ser reveladoras do ataque corporal.

Outra vantagem, que os cartões de configuração bilateral nos concedem, é a possibilidade de compreender a representação das relações. Estes favorecem a expressão de relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais, agressivas e/ou libidinais. Igualmente, os cartões pastel (VIII, IX, X), também permitem o acesso à representação das relações. Destaque-se, que os

cartões com cores apelam à emotividade e afectividade relacionada com o mundo e o ambiente humano do sujeito

Tendo sido feita, de uma forma genérica, a descrição da prova, dando-nos conta da sua complexidade e riqueza, o capítulo que se segue aborda, em profundidade, os procedimentos de análise que melhor enquadram o nosso estudo.

7. Procedimentos de análise

Num protocolo, cujo objectivo é averiguar uma dinâmica entendida como inquietantemente estranha, sendo esta inquietante estranheza referente ao conceito metapsicológico unheimiliche de Freud (1919/1981), é necessário ter em atenção diversos aspectos. Assim, são de salientar a representação que o sujeito faz de si, em termos de imagem corporal e de identidade, a representação que faz das relações, o reconhecimento da diferença e da função de cada um dos sexos e os mecanismos de defesa mais salientes. É de enfatizar que em relação à representação da identidade e à representação das relações, iremos conceder especial atenção ao estudo do funcionamento dos limites.

No que diz respeito à representação que o sujeito faz de si, gostaríamos, antes de mais, de fazer menção a Anzieu (1985), que refere a existência de um Eu-pele que se designa por *“uma figuração de que o Eu da criança se serve, no decurso das fases precoces do seu desenvolvimento, para se representar a si mesma como o Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir da sua experiência de superfície do corpo. Esta corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo e fica confundido com ele no plano figurativo”* (op. cit p. 39). De acordo com o autor, o Eu-pele afirma-se através das diversas funções da pele. De entre as várias funções, destacam-se três principais: a pele como bolsa que contém e retém o cuidado ambiental fornecido pelos objectos; a pele como interface que marca o limite entre o dentro e o fora, servindo de barreira de protecção contra agressões exteriores; e, por fim, a pele como o meio primário de comunicação com os outros, constituindo, ao mesmo tempo, uma superfície em que se inscrevem traços deixados por relações significativas.

Parece-nos relevante evocar os trabalhos de Anzieu (1985), porque o autor toca em questões fundamentais que se relacionam com aquilo que consideramos ser o eixo central deste trabalho: os limites. O estudo dos limites dá-nos conta da qualidade singular da representação de si. Deste modo, torna-se essencial debruçarmo-nos sobre a dialéctica do dentro e fora, bem como tentar perceber se existe ameaça de dano da instância que delimita estas duas dimensões. É necessário ter-se em especial atenção a integridade das imagens fornecidas, verificar a diferenciação figura/fundo, a existência, ou não, de precisão das localizações fornecidas, os contornos, bem como observar se estamos na presença de limites vagamente estabelecidos. As imprecisões nas localizações, os contornos indefinidos, os limites vagos são indicadores de uma função de individuação de si mal assegurada e potenciadores de uma ameaça do sentimento de identidade desencadeando impressões de inquietante estranheza (Anzieu in Chabert, 1998/2000).

Atendendo a Chabert (1998/2000) a porosidade das fronteiras dentro/fora é retratada através de um recurso recorrente aos determinantes formais, que podem variar consoante os indivíduos, e que demonstram os esforços de enquadramento, de dar formas continentais. Por outro lado, podem surgir emergências sensoriais, devido à extrema sensibilidade ao material e das quais o elemento formal é pouco presente. Esta hipersensorialidade pode associar-se, ou ser substituída, por elementos cinestésicos de valência agressiva e destrutiva ou, noutro sentido, regressiva, dando conta da necessidade do objecto e, ainda, podendo estar relacionada com uma conotação depressiva, uma vez que é percebida a não existência de um objecto firmemente internalizado. Visto não haver um objecto consistente esperamos verificar uma alternância entre a idealização e desidealização, entre posições passivas e posições activas e entre identificações masculinas e femininas. Ou por outro lado, a confusão pode instaurar-se no mesmo momento, sem que haja uma alternância radical, mas sim uma ambivalência. Qualquer uma destas possibilidades concorre para demonstrar que estamos perante uma identidade confusa, com a diferença que na primeira verifica-se uma fuga à depressão, um não querer reconhecer que não possui um objecto e a segunda retrata precisamente o contrário.

Tendo em consideração que a identidade se forma na relação com o outro, refira-se que a instabilidade e/ou inconsistência dos limites está intimamente ligada à constatação de relações fusionais. Este aspecto poderá ser analisado em cartões de configuração bilateral, em que poderão ser feitas referências, por exemplo, de siameses, personagens agarradas, coladas,

encostadas etc. Decorrente deste tipo de relação, poderemos observar alguma agressividade pela necessidade de separação e de autonomia. Iremos, ainda, averiguar se o indivíduo percebe a diferença dos sexos, analisando a justificação das imagens fornecidas e as funções atribuídas às identificações efectuadas.

A um nível mais aprofundado, iremos, seguidamente, referenciar os procedimentos de análise no que toca aos modos de apreensão, aos determinantes e aos conteúdos.

O modo de apreensão diz respeito à localização, descreve o “*quadro perceptivo no qual se molda o conteúdo da resposta*” (Chabert, 1997/2003, op. cit. p. 95). A forma como o sujeito apreende a prancha, dá-nos conta das suas capacidades intelectuais no sentido da lógica de raciocínio, da exploração das potencialidades criativas e do respeito da adaptação à realidade objectiva. Para além das capacidades intelectuais, evidencia o modo como o sujeito estabelece a percepção, o contacto e a relação com o mundo. De realçar que é quase impossível desprender a análise dos modos de apreensão da dos outros factores que a acompanham (determinantes e conteúdos), na medida em que esses factores nos dão conta da qualidade do modo e fazem parte integrante do conjunto da resposta.

No tocante aos modos de apreensão, que melhor ilustram o nosso estudo, é de mencionar, primeiramente, os G vagos e/ou impressionistas. Ambas as apreensões globais retratam uma fragilidade dos limites, mas a diferentes níveis. Os primeiros acompanham-se por determinantes formais pouco precisos (F_{\pm}), os segundos por determinantes sensoriais (C', C e E.). Os G vagos descrevem uma abordagem do mundo que é mal delimitada, frágil nas suas discriminações, na qual se vislumbra a indefinição do objecto e a indefinição do sujeito numa mesma imprecisão. Os G impressionistas, por seu lado, demonstram-nos a fraqueza do Eu, através da invasão emocional, providenciada pelos determinantes sensoriais. Podemos mencionar, ainda, a presença de um outro tipo de G, os chamados “sincréticos”, estes estão associados a apreensões globais pouco precisas, maciças e compactas, que podem evidenciar a ausência de discriminação entre o interno e o externo. Existem estudos que interligam, precisamente, estas percepções sincréticas com as dificuldades de individuação.

O predomínio de apreensões parcelares (D) e, sobretudo, quando não associados a determinantes formais de boa qualidade, constata-se em indivíduos que não possuem um Self

unificado, podem ser testemunhos da existência de uma descontinuidade psíquica e revelar a incapacidade de representação de um objecto no seu todo. Assim sendo, é possível que se verifique um modo de apreensão definido por uma maioria de D. Mas, de ressaltar que, o G dominante também remete para uma fragilidade extrema a este nível, isto é, a integridade do sujeito e dos objectos também pode estar em causa, uma vez que a globalização a qualquer preço - que não permite o menor recorte - é sinónimo de ruptura ou fragmentação.

Para além destes modos de apreensão, que retratam um cenário de inquietação, destaca-se, em especial, as respostas Gbl e Dbl. Este tipo de respostas tem em linha de conta as lacunas intermaculares e extramaculares. A inversão figura/fundo, operada pelo sujeito, revela-nos uma atitude de oposição. Este tipo de atitude pode ser comparado à atitude do transexual, pois este também se opõe a todos os olhares que incidem sobre si, ao mencionar que é um membro pertencente ao sexo oposto. As respostas Gbl e Dbl reactivam experiências de falta, inscrevem-se no contexto de uma falha, podem reflectir o vazio interno e demonstrar uma carência afectiva. Saliente-se que este tipo de apreensão constata-se em sujeitos pouco confiantes, sem certezas e inseguros, sendo por esta razão, a firmeza dos traços e dos limites constantemente posta em causa.

Relativamente aos determinantes, estes podem variar em função da forma, movimento, ou da cor. Os determinantes formais permitem-nos verificar se estamos perante um modo de funcionamento corrente, habitual, normal e necessário. As modificações sofridas pelo aparelho psíquico, ordenadas pelo princípio da realidade, irão ser reportadas através dos diversos significados atribuídos ao factor F. Os determinantes cinestésicos constituem a expressão do imaginário, atestam as potencialidades criativas e contemplam uma projecção de um movimento que não está representada no cartão. E, por fim, os determinantes sensoriais permitem-nos inferir sobre a afectividade e a emotividade do sujeito, concedendo-nos uma noção do controlo mais ou menos eficaz das emoções. Tanto os determinantes formais, como os sensoriais, já foram acima abordados de um modo sucinto, aquando da referência aos modos de apreensão, nomeadamente, os G vagos e os G impressionistas. Assim, é, novamente, de enfatizar a presença de determinantes formais pouco precisos (F_{\pm}), saliente-se que estes se referem a uma delimitação vaga dos contornos, não permitindo estabelecer fronteiras estáveis entre o dentro e o fora. Sobre esta questão da delimitação de fronteiras, é oportuno invocar as palavras de Chabert (1997/2003). De acordo com a autora “*se o sujeito*

pode distinguir a forma e o fundo, o interno e o externo pode também integrar a diferença entre o real e o imaginário” (op. cit. p. 138). Recorde-se que, num espaço inquietantemente estranho, esta diferença entre o real e o imaginário não está claramente integrada, logo, é de esperar que se encontrem dificuldades na distinção entre a forma e o fundo, o interno e o externo, isto é, o dentro e o fora. É neste sentido que consideramos que os determinantes formais pouco precisos são óptimos exemplos do nosso estudo. No caso de se verificar a predominância de determinantes formais de má qualidade (F-), estes serão indicadores de uma inadaptação ao mundo real, ao mostrarem uma abordagem não socializada. As respostas F- assinalam, maioritariamente, a desorganização de um pensamento desviante, que perde os seus alicerces lógicos e se deteriora face ao estímulo externo. Assim sendo, a falência do controlo formal poderá também colocar a nu a fragilidade identitária através da impossibilidade de fornecer representações adequadas. Mas, por outro lado, também não nos iremos surpreender se, no protocolo a ser analisado, verificarmos um excessivo recurso ao formal em que se constate uma colagem à realidade objectiva correcta, representada pelo F+. Denote-se que a centração no descritivo e no factual, pode ser uma forma de colmatar as faltas de elaboração, através de um sobreinvestimento da realidade, que substitui o vazio do espaço psíquico, do qual o transexual é claramente dotado, pois não possui um objecto consistente que lhe sirva de suporte.

Quanto aos determinantes sensoriais, sublinhamos que um número considerável de C puros ou CF denunciam a extrema sensibilidade ao estímulo, a falta de controlo emocional e uma incapacidade de distanciamento entre o espaço psíquico e o meio exterior. Voltamos a referir a existência de uma fragilidade das barreiras de protecção que salvaguardam o Ego do sujeito, pela desorganização provocada pelo material. Como menciona Chabert (1997/2003) *“as fronteiras entre o Eu e o não - Eu desaparecem quando estimulações externas se tornam demasiado excitantes”* (op. cit. p. 172). Assim, a constatação da cor pode levar à despoletar de emoções e afectos que impedem o controlo da racionalidade.

Existe também uma outra categoria de respostas sensoriais que se refere ao esbatimento da imagem (E). É possível distinguir três tipos de esbatimento diferentes: os esbatimentos de textura, os esbatimentos de difusão e os esbatimentos de perspectiva. Os primeiros caracterizam-se pela sensibilidade táctil, referem-se ao tocar, podemos exemplificar as respostas “pele de animal”, “peluche”, entre outras que se baseiam numa atenção dada ao

matiz da cor. Este tipo de respostas pode, facilmente, ser associada ao conforto e às carícias maternas, remetendo para os cuidados de primeira infância e sugerindo uma dimensão regressiva. Os esbatimentos de textura podem revelar a procura de apoio, de um continente, a necessidade protecção, bem como a carência afectiva. Quanto aos esbatimentos de difusão, estes dizem respeito a imagens vagas, instáveis e inconsistentes, tendo como exemplo “fumo”, “nuvens”, entre outras respostas que são argumentadas pelos matizes e pelos esbatido dos tons. Através deste tipo de esbatimento damos-nos conta da fraqueza do Ego do sujeito, da fragilidade da sua identidade. Por fim, o esbatimento de perspectiva, possui um carácter tridimensional, onde o esbatimento dos tons é explorado enquanto definidor de diferentes planos no espaço. Este tipo de esbatimento assinala as insatisfações narcísicas, sendo também a falta de segurança e as carências de auto-estima motivadoras deste tipo de construções. Como se pode constatar a análise das respostas esbatimento é extremamente pertinente para termos noção da consistência e das necessidades do Ego. De referir, que é importante observar se os determinantes sensoriais aparecem acompanhados, ou não, por determinantes formais. No caso de aparecerem, há que verificar se é o determinante formal que prevalece sobre o determinante sensorial, ou o contrário (FE ou EF e FC ou CF). A prevalência do determinante sensorial é indicadora de uma baixa do controlo do sujeito, de uma maior submissão ao estímulo, bem como de um maior impacte emocional.

Ainda no campo dos determinantes sensoriais, é possível mencionar uma terceira categoria de respostas que se relacionam com uma reacção negativa despoletada pelo estímulo (Clob), equiparável quase a um choque. As respostas Clob, FClob e ClobF evidenciam uma tonalidade emocional negativa pela incapacidade de distanciamento do material, revelando, mais uma vez, barreiras protectoras insuficientes.

Quando é concedida uma dimensão dinâmica à percepção, passamos a estar no domínio dos determinantes cinestésicos (K, Kan, Kob e Kp). Sobre estes determinantes é essencial referir, para além da sua componente criativa, a possibilidade de constatar, através deles, a construção da pessoa em relação com o seu meio objectal. A partir das respostas cinestésicas K, iremos averiguar a flexibilidade das tomadas de posição, a facilidade em identificar as personagens, a coerência entre a identidade sexual atribuída e as condutas projectadas e o estilo relacional adoptado (narcísico, agressivo ou libidinal), uma vez que se referem a representações humanas. Se denotarmos que a identificação sexual é evitada significa que o

reconhecimento da diferença é insuportável pelas faltas que ela implica. As respostas Kan permitem-nos, igualmente, averiguar as dimensões em estudo acima referidas, na medida em que estas remetem para um deslocamento para as imagens animais. O recurso às respostas Kan pode apresentar-se de forma recorrente no protocolo, pois quando o sujeito não pretende encarar uma representação humana conflitual, este constitui-se numa defesa que serve de porta-voz às pressões fantasmáticas e pulsionais consideradas incómodas. Num momento de tensão e ansiedade é possível surgirem respostas Kob, uma vez que estas representam uma descarga bruta, podendo estar associada à extrema sensibilidade sensorial com tonalidade disfórica. As pequenas cinestésias que se referem a movimentos de imagens humanas parciais (Kp), são raras de aparecerem, no entanto é também relevante referi-las, pois estas podem representar partes más, não aceitáveis pelo sujeito, que são atiradas para o exterior.

Ao nível dos conteúdos, importa referir as de figuras humanas irreais, que são faladas no mundo real, mas que dele não fazem parte, como é o caso de fadas, Deuses, bruxas, anjos, entre outros, sendo estas representadas por (H). A impossibilidade de colocar imagens inscritas na realidade denuncia, também, a fraca diferenciação do real e do imaginário, do Eu e do não Eu e do familiar e do estranho. Os conteúdos de valência agressiva poderão surgir no contexto de uma angústia gerada pela impossibilidade de alcance de um objecto consistente. Os conteúdos de valência regressiva poderão surgir pela necessidade de encontro com o objecto (ex: fundos e animais marinhos). Os conteúdos de valor sexual poderão ser mencionados, dado que a vida do sujeito é centrada no devir transexual. Todos estes conteúdos serão minuciosamente analisados.

Concluimos evocando, mais uma vez, Anzieu (1985). Quando a representação dos limites de um sujeito estão em causa constata-se “*uma dificuldade em distinguir o que vem de dentro e o que vem de fora*” (op. cit. p. 124). Consideramos esta teorização fundamental, pois demonstra que a falta de clareza de limites impede, não só, de haver uma representação de si consolidada como também arrasta a uma falta de confiança nas relações objectais. Acresce-se que os objectos externos, à imagem do sujeito, também são insuficientemente estáveis. Todas estas características resumem o nosso estudo na perfeição, pois a dificuldade de distinguir o que vem de dentro e o que vem de fora, faz com que o sujeito não reconheça o que é dele e o que faz parte do campo do Outro. A não apropriação do corpo conduz a que seja mais fácil de agir sobre este e a atacá-lo. O corpo mal amado, representativo da masculinidade, será o objecto

de execução, sendo mais fácil de manter um corpo que não tenha sido alvo de tamanhas atormentações.

8. Procedimento para a recolha de dados

Para levar a cabo a investigação, contactámos, primeiramente, a direcção das associações ILGA Portugal e Opus gay. Após ter sido apresentado o propósito do trabalho, aguardámos que a direcção contactasse os associados e verificasse aqueles que estavam dispostos a colaborar, sendo que estes deveriam preencher os requisitos pretendidos, isto é, ser um transexual primário M-F com idade superior aos 18 anos e que já tenha sido submetido à cirurgia de redesignação sexual. Das associações, acima mencionadas, apenas nos contactou o director da Opus Gay que nos forneceu o contacto de um dos seus associados. Marcámos o encontro na sede da Opus Gay e explicámos, novamente, os objectivos do trabalho. Entregámos a carta de consentimento informado e foi-lhe garantido o anonimato (vd; anexo A). O protocolo (vd; anexo B) foi recolhido no mesmo local e acresce-se que este espaço respeitava as exigências de aplicação do instrumento.

9. O Participante

O sujeito transexual, a quem iremos atribuir-lhe o nome de Fernanda Domingues, tem 38 anos e relata que se recorda que, desde criança, não se aceitava como sendo um rapaz. A Fernanda já realizou todas as intervenções cirúrgicas para mudar de sexo, tendo a última ocorrida no ano passado. Neste momento, recorre ao tratamento hormonal para manter as mudanças induzidas. A sua aparência fisiológica demonstra, ainda, a existência de alguns traços masculinos, contudo a sua postura é mais feminina do que masculina. Do mesmo modo, a sua voz assemelha-se mais com o de uma mulher do que com um homem. Actualmente, a Fernanda não possui nenhuma actividade profissional estável e sente-se revoltada porque considera que é discriminada no mercado de trabalho. Para se sustentar, apenas sabemos que a prostituição é um dos recursos recorrentes da transexual.

10. Análise

10.1. Análise global

A partir dos tempos de latência percebemos que a prova teve um forte impacto em Fernanda, uma vez que estes encontram-se aumentados em todos os cartões. Da análise do funcionamento cognitivo é de mencionar que se observam entraves devido aos excessos de ligação e á baixa capacidade de distanciar o espaço psíquico do meio. Para melhor explicar, refira-se que as apreensões globais situam-se muito acima dos valores normativos, enquanto a apreensão em detalhe encontra-se abaixo desses valores. Um dos motivos para esse facto deve-se à procura activa de unidade, de uma imagem corporal una e íntegra. Esta procura activa de unidade acaba por revelar a fragilidade, pois a concessão de imagens unas em que se acaba por se registar a falência do formal denuncia, precisamente, a falta de integridade acima referida. O predomínio da globalização e o baixo registo das respostas D também se deve à presença de um Ego que não é suficientemente forte e que se deixa invadir pelo estímulo, como é por exemplo o caso dos G impressionistas que se encontram no protocolo, demonstrando a perda de controlo perceptivo.

Assim, damo-nos conta que as emoções e os afectos, derivadas da constatação da cor, perturbam a capacidade de racionalização. O tipo de ressonância íntima vai de encontro a esta ideia, demonstrando que a realidade exterior domina o sujeito com facilidade (T.R.I extratensivo). Se analisarmos o F% e o F+%, damo-nos conta também de uma falta de capacidade adaptativa. No entanto, é a grande participação do pólo cinestésico – 8 respostas K e k – que vem a equilibrar parte da fragilidade constatada. Recordemos que um F+% deficitário pode ser completado e enriquecido pelas cinestésias, uma vez que estas são a expressão do imaginário. Segundo Chabert (1997/2003), as cinestésias concedem à adaptação a espessura do pensamento e da reflexão. O A%, H% e as banalidades vêm a demonstrar a capacidade de socialização e acabam por contradizer a nossa ideia inicial de inadaptação. Na realidade, esta contradição deve-se à existência de um conflito interno, observável através da fórmula complementar que evidencia a dominância do k.

É, desta forma, que podemos fazer referência a duas modalidades de funcionamento em que num vislumbra-se a supremacia do pólo cinestésico e no outro é constatada a supremacia do

pólo sensorial. Por um lado, regista-se a autonomia, a criatividade do Ser, por outro, regista-se a dependência e o apagamento do Eu derivado ao entrave da racionalização.

10.2. Análise a cada cartão

Cartão I

A partir da análise do protocolo verificamos que Fernanda apresenta um tempo de latência ligeiramente superior, facto que se poderia justificar por se tratar do primeiro cartão, em que o sujeito é colocado face a uma situação nova e desconhecida. No entanto, a constatação dos tempos de latência nos cartões seguintes revela-nos que, em geral, Fernanda apresenta tempos de latência aumentados em todos os cartões.

Na primeira resposta constata-se uma apreensão parcelar, sendo que esta se refere apenas à primeira metade do cartão. A entrada na matéria é feita com base em conteúdos regressivos “*montanhas*”, através de um olhar tridimensional, em que se destaca a sensibilidade à abertura superior, retratada pelo “*vale*”. É o vale que denuncia a falta, a incompletude e o vazio, do qual desvia-se, fazendo a referência a “*outras montanhas mais pequenas ou rochas*”. O questionário demonstra-nos que Fernanda orienta-se através do contorno da mancha, acabando por deixar concorrer ao mesmo título o Não-ser e o Ser, o nada, o sem cor, o fundo, isto é, o branco, e aquilo que tem cor, e é parte integrante da Figura. A primeira resposta dá-nos também conta de um pensamento vago que deixa a realidade exterior escapar a qualquer circunstância precisa. Assim, pode-se afirmar que é, desde cedo, que obtemos os primeiros indícios de uma possível insuficiência na referência de objectos precisos e uma instabilidade de barreiras. O conteúdo dá-nos também conta da representação simultânea do masculino, representado pelas montanhas, e do feminino, representado pelo vale.

Na segunda resposta, já se verifica uma apreensão global, sendo o conteúdo animal. No questionário, a intelectualização de Fernanda “*os escaravelhos são pretos enquanto os besouros têm cores*” sugeriu-nos a existência de uma depreciação da cor acromática preta. A análise da prova da escolha preferencial confirmou-nos o desconforto, sentido por Fernanda, perante a imagem que nos concedeu “*o escaravelho não é bonito*”. No entanto, apesar do desconforto, denotou-se uma necessidade de divinizar o feio “*mas não posso nunca rejeitar*

porque o escaravelho era sagrado no tempo dos egípcios, era a vida”, acabando por não rejeitar o cartão. Esta necessidade de divinizar o feio parece assemelhar-se a uma atitude de oposição e dá-nos sinais da presença de uma dicotomia no seu mundo interno.

A terceira e última resposta, deste cartão, é dada através de uma banalidade em que se verificou, inicialmente, a apreensão pelo seu aspecto formal *“É uma borboleta porque as asas são largas. As asas de cima são maiores que as de baixo como numa borboleta”*. Mas a captação do esplendor do C’ leva a que Fernanda perca-se e a borboleta é desvirtuada, passando a ser uma sombra. A falência de algo que parecia consistente iniciou-se com a evocação do contrário *“a borboleta é branca”*, derivado do reflexo do sol. É o sol que ofusca o olhar e não permite enxergar com clareza, tendo sido dessa forma, pela intensidade da cor, que Fernanda quase que se cegou, apenas conseguindo ver a sombra.

A análise das respostas dadas no primeiro cartão, bem como da prova da escolha preferencial demonstram-nos, desde logo, a falta de clareza e a inconsistência das imagens fornecidas, podendo nós verificar um funcionamento recheado de possíveis opostos: a montanha e o vale, a figura e o fundo, o feio e o divino, o rejeitar e o não rejeitar o cartão, a borboleta e a sua sombra. Assim, damos-nos conta de um viver confusional, onde o Ser e o deixar de Ser, o Não Ser e o Vir-a-Ser estão presentes.

Cartão II

No cartão II, um cartão bilateral, verifica-se através do mecanismo de deslocamento a reactivação dos modos relacionais. Observa-se a descrição de uma relação de ligação, junção, união entre os animais, tanto entre os porquinhos como entre os elefantes, retratada pelo beijo. Ainda que acompanhado por precauções verbais, no questionário, *“parece que estão a beijar”*, o beijo é uma forma de transformar dois num só, desfazendo-se da bilateralidade do cartão. Este cartão é eleito como um dos predilectos. Porém, repare-se também, que no questionário, Fernanda oscila entre uma relação de intensidade, narcísica, de unicidade e uma Não relação, em que os animais são dispostos frente a frente, sem qualquer outro tipo de interacção. É de destacar, neste cartão, a passagem da referência dos porcos para os elefantes, indicando a dominância da conotação fálica, no qual a tromba representa o pénis. No entanto, é no momento de dominância fálica que decide inverter o cartão.

Da inversão do cartão surge novamente a ofuscação, provocada pela intensidade da cor, ligada a um conteúdo de valência regressiva, sendo este conteúdo bem diferente das primeiras respostas dadas neste cartão. Apesar da ofuscação veiculada pelo sol, em que este é concedido por uma correspondência directa “*o sol é pelo vermelho*”, é claramente visível o agrado pela cor cromática vermelha “*é a energia*”. Contudo, como a própria Fernanda menciona, trata-se de “*uma paisagem surrealista*”, isto é, vai para além do real, onde a captação da cor não permite enxergar a determinação certa. Impera o jogo do real e do imaginário, possibilitado por uma imagem tridimensional cromática. Os limites do real são, desta forma, transponíveis. Destaque-se também a referência à floresta, emerge a expressão do feminino no seio da masculinidade, uma vez que o sol com toda a sua energia representa o masculino.

Cartão III

O cartão III evidencia-nos, após uma inversão do mesmo, uma tentativa de unificar a mancha, desprezando, também neste cartão, o seu carácter bilateral. Refira-se que a tentativa não é bem sucedida e demonstra-nos uma falha corporal fundamental “*mosca incompleta*”, reveladora de uma imensa fragilidade identitária. A incompletude testemunha a derrapagem da adaptação perceptiva. A imagem concedida para além de revelar a vivência dolorosa de uma falta de integridade corporal, também demonstra a inaptidão de Fernanda estabelecer fronteiras estáveis entre o dentro e o fora, isto é há uma indiferenciação entre a figura e o fundo. Os “*olhos grandes*” dão-nos conta da extensão da angústia. O desprazer vivido através desta representação é denotado, mais uma vez, na prova da escolha preferencial, em que o cartão é rejeitado e o animal é descrito como execrável “*a mosca é um animal horrível*”. A ansiedade pode ser o motivo para uma nova inversão do cartão, sendo conteúdos distintos evocados.

Após a inversão do cartão, Fernanda reconhece as figuras humanas das quais é habitual fazer-se menção neste cartão. Observa-se uma identificação feminina duplamente justificada através dos seios e das botas de salto alto. É feita a referência a uma relação de proximidade, mas sem nenhum movimento pulsional directamente expresso. A proximidade entre as mulheres pode ser mais uma tentativa de unificação “*têm a cabeça muito perto*”, no entanto, não se verifica qualquer tipo de interacção e as figuras ficam, simplesmente, dispostas frente a frente. É

possível que a mala seja a detentora do segredo, do não dizível e do incomodativo, ou por outro lado, pode apenas representar um adorno comumente usado pelas figuras femininas, mais uma forma de justificar a identificação realizada. Fernanda termina questionando-se sobre disparidade da sua resposta, indicando a presença da força do recalçado.

Cartão IV

Neste cartão, após inversão do mesmo, através de uma intelectualização, Fernanda concede-nos uma imagem representativa de um continente duro, intransponível, protector de alguma ameaça que pode ter sentido. Refira-se que se trata de um forte acompanhado por elementos regressivos, cuja imprecisão é novamente notada. Ao inverter de novo o cartão, Fernanda reconhece a evidência da forma fálica. A recorrência a conteúdos tão distintos denuncia a existência de uma clivagem no pensamento.

A imagem de potência fálica é retratada através da representação forte do elefante “*com uma tromba enorme e orelhas enormes*”. No questionário, a descrição é feita de um modo ascendente iniciando-se pelas pernas, estando a tromba enorme no meio destas, terminando pela cabeça. Observa-se uma deslocação debaixo para cima, em que o poder masculino, representado pela “*tromba enorme*”, é retirado e é passado para a cabeça através da visualização do sagrado. Termina a resposta com uma intelectualização fazendo menção ao Deus elefante dos Indianos “*Panduaní*”. É, desta forma que, estranhamente, nasce, através da análise das respostas dos primeiros cartões, a suspeita de que aquilo que permite Fernanda sobreviver, evitando a morte psíquica, isto é, as imagens de potência, de força, que simbolizam a virilidade, e até, outras, imagens consistentes (ex: borboleta do cartão I), assim que são constatadas e/ou providas de grandeza tendem a ser, seguidamente, depreciadas, distanciadas e/ou neutralizadas. O Eu dá lugar ao Não-Eu.

Cartão V

No cartão V, observa-se um procedimento semelhante aos dois cartões anteriores. Assim, após um tempo de latência um pouco aumentado inverte o cartão, dá uma resposta e torna a virar o cartão. A primeira resposta deste cartão é uma banalidade sustentada por um movimento activo “*como que a voar*”, confirma a adaptação ao real. No entanto, o C' é, uma

vez mais, responsável pelo despoletar de uma agonia em Fernanda “*os morcegos são pretos ou melhor são negros, são escuros*”. Para além da ruminação, a prova da escolha preferencial corrobora, de novo, com a depreciação denotada pelas cores acromáticas “*não gosto do morcego*”. Pode ter sido o desconforto que leva a uma nova viragem do cartão, confrontando-se com a mancha que viu inicialmente.

A resposta seguinte traduz-se por uma ambivalência através da evocação de uma figura humana indefinida. Recordemos que este é o cartão revelador da imagem de si e da integridade do *Self* (Chabert, 1998). Uma vez que a imagem evocada é um anjo, uma figura assexuada, podemos concluir a existência de um sentimento de não pertença a nenhum dos sexos. Esta imagem situa, perfeitamente, Fernanda na sua problemática. Deste modo, estamos no domínio do Não ser, e este evento agrada-a, de alguma forma, pois se depender do anjo, não rejeita o cartão. A referência ao anjo constitui-se na preciosidade de todo o protocolo. Ora vejamos, se Fernanda transforma aquilo que poderia ser algo sólido, um Eu dominante, um Ser implacável num Não – Eu, numa inconsistência verdadeiramente perturbadora, significa que o Ser seguro não existe. E, como sabemos, tendo em conta as palavras de Parménides (in Monteiro & Real, 1999), o Ser é, sempre foi e sempre será, se o Eu de Fernanda tornou-se num Não- Eu, então é porque, na verdade, ele era um Não-Ser, que criava um espaço ilusório do Vir-a-Ser. Mas, como dita o filósofo o Não-Ser não é, nunca foi e nunca será, tal como o anjo, que não é homem nem mulher. Ressalve-se que Não-Ser aqui mencionado refere-se a um não ser quer masculino, quer feminino.

Acresce-se que se trata de um anjo com uma coroa. A coroa simboliza a função. Ao observarmos uma figura com uma coroa percebemos imediatamente que este terá uma função de relevo. Assim, compreendemos que Fernanda percebe a função de cada sexo, uma vez que este anjo tem uma coroa. Mas, repare-se que ela não reconhece o seu sexo, esta ideia é também baseada pela luz da coroa, em que mais uma vez vislumbra-se a ofuscação.

Cartão VI

No cartão VI constatamos um tempo de latência bastante prolongado. Recordemos que este é um cartão carregado de implicações sexuais, podendo ser esta razão para o prolongamento do tempo de latência. Embora este tempo seja excessivo, não se verifica a inversão inicial do

cartão, como nos anteriores. Observam-se risos, um olhar suspeito seguido de um silêncio, como se pretendesse ter dito algo que preferiu conter. A resposta que acaba por dar parece-nos que não coincide com o que iria dizer. São evocados elementos regressivos (rio, baía, nascente). Os conteúdos proferidos, com o seu carácter dinâmico, podem derivar de alguma ansiedade que pode ter sentido. A ansiedade remeteu para o materno, para as primeiras relações de objecto e o carácter dinâmico pode ter sido expresso no sentido de descarregar a tensão. De realçar, a constante evocação de representações imprecisas (ex: rio), em que não são concedidos objectos com uma delimitação concisa, corroborando com os procedimentos de análise.

A resposta que se segue, após a inversão do cartão, também demonstra a reactivação de uma sensibilidade primária muito precoce. Há uma clara influência do esbatimento de textura. No questionário, denotamos um aumento de concessão de potência à imagem que de *“pele curtida de um réptil”* passa a ser de um *“leão ou tigre”*, acompanhados por uma certa agressividade, visível pelas unhas. Mais uma volta ao cartão, estando este agora na sua posição inicial, e constatamos, de novo, a energia investida no cartão através da referência ao *“felino”*, mas o *“rabo felpudo”* denuncia a integração da sensorialidade primitiva. E assim, o gato mantém-se numa posição passiva *“sentado”*. Acresce-se a escomatização de uma pequena parte da mancha que sente como ansiogénica, podendo dever-se ao facto de a ponta escomatizada conduzir à evocação do falo. Observe-se de como a Fernanda coloca no mesmo plano elementos representativos de vivacidade, actividade e potência e elementos regressivos, passivos e/ou até depressivos.

A última resposta, deste cartão, é dada após a viragem do mesmo, posicionando-o de lado. A imagem, que apresenta a conteúdos de valência regressiva (lago, floresta...) é apreendida de uma forma tridimensional, verificando-se a influência do esbatimento de perspectiva. Constata-se uma ausência de limites *“que não se vê o fim”*, ilustrando um mundo interno inseguro, sem clareza e sem firmeza. Destaca-se o desdobramento através da referência ao reflexo. Reflexo este, que deriva, mais uma vez, do sol. Acompanhando o sol, está de novo a incerteza, enunciada pela própria indivíduo *“Não sei explicar, é abstracto”*. E é assim que se perde Fernanda, pelo vago dos limites. Observe-se a condensação de conteúdos representativos do masculino e do feminino, podendo estes deverem-se à incapacidade de se situar e estabelecer limites.

Cartão VII

No cartão VII, a descrição é semelhante aos outros cartões bilaterais. É feita a referência a duas figuras, constatadas na primeira metade do cartão, sem a menção inicial do sexo das mesmas, só posteriormente as identifica como sendo masculinas. As figuras encontram-se “*frente a frente*”, sendo que a única interacção que consegue observar é, mais uma vez, o beijo, podendo este ser revelador da sua vontade de fusionamento.

A resposta seguinte, dada após a inversão do cartão, é reiterada pelo branco, demonstrando-nos a preferência pelo fundo em relação à forma. Está claramente patente a atracção pelo vazio. Numa resposta em que se observa a supremacia do fundo em relação à figura denuncia uma atitude de oposição. De referir, que a falta, a carência afectiva, é acompanhada por agressividade “*a ponta de uma chave*”, “*recorte de uma chave*”.

A última resposta dá-nos conta de conteúdos bem diferentes, apreendidos também de uma forma distinta. Assim identificam-se outras duas figuras humanas, mas do sexo feminino, sendo que estas figuras encontram-se de “*costas uma para outra*”, ou seja, existe o evitamento do contacto. Ainda que se verifique um investimento enérgico nas figuras (dança do Can-Can), como as figuras são colocadas de costas, a relação é impossibilitada. Acresce-se a menção do adorno narcísico que é o chapéu grande.

As respostas dadas neste cartão são também testemunhas do mundo clivado de Fernanda. As clivagens são visíveis não só através das representações concedidas, como também pela forma de apreensão da figura e manipulação do cartão. Os conteúdos tão distintos e completamente opostos (ex: figuras masculinas e femininas; dispostas frente a frente e de costas) evidenciam claramente uma identidade confusa.

Cartão VIII

Neste cartão, denota-se uma tonalidade emocional muito positiva, constatada através de comentários apreciativos que derivam da presença das cores cromáticas. Não há dúvida da excessiva sensibilidade de Fernanda às cores. As cores acromáticas são despoletadoras de

tensão e angústia e as cores cromáticas potenciadoras de “alegria” e “paz”. Quer sejam acromáticas, ou não, vividas prazerosamente, ou não, a verdade é que a captação da cor, por parte de Fernanda, para além de contribuir para a perda do controlo formal, conduz a uma transponibilidade de barreiras. O “surreal” é testemunho da facilidade com que Fernanda deixa-se levar para além da realidade, existe uma forte influência do emocional.

Após o elogio à cor cromática, Fernanda fornece uma resposta com base na forma e procura tornar todos os constitutivos da mancha num só elemento. Assim, a coroa, os tigres e a montanha passam a ser pertencentes ao mesmo objecto: o brasão real. Esta forma de apreensão conduz a que o branco, o fundo, também acabe por ser parte integrante da representação. São referenciados animais de grande potência como também elementos regressivos. A coroa aparece de novo, indicando o conhecimento da função. Mas de nada serve conhecer a função sem possuir objecto. O questionário evidencia-nos a impossibilidade de alcançar o objecto e a impossibilidade de Ser, permanecendo um eterno Não-Eu. O cartão é rejeitado por fazer alusão a algo material. Esta justificação dá que pensar. Fernanda ao mencionar que “o importante não é o físico”, dá-nos conta que o físico não é detentor de valor, tornando-se mais facilmente atacável. Assim, apesar de a atribuição estar no mundo interno, Fernanda ataca o externo porque o desvaloriza e possivelmente considera a via mais rápida de alteração, de forma a solucionar o seu viver perturbado

Cartão IX

Com um tempo de latência muito prolongado, acompanhado por inversões, por uma constatação da simetria (tapa metade) e risos, Fernanda acaba por dar uma resposta muito peculiar.

Neste cartão, assistimos a uma sequência descritiva que nos parece assemelhar-se a um orgasmo masculino, em que fluxo se dirige num movimento ascendente. Mas, subitamente, aquilo que parecia um momento de descarga, de prazer masculino transforma-se no órgão sexual feminino. Parece-nos que, novamente, é retirado o poder ao masculino para se converter no seu contrário, o feminino. Para reafirmar a existência deste órgão sexual feminino, Fernanda não concede tanta importância, no questionário, àquilo que estava a brotar

e a nascer, como o fez quando deu a resposta, preocupando-se, antes, em descrever o órgão sexual feminino.

A resposta seguinte demonstra-nos a incapacidade de dar sujeito, objecto e relação. Trata-se de uma apreensão global impressionista, isto é fundada com base nas cores, no qual no questionário vislumbram-se meras equivalências primárias “*o rosa são os frutos, o verde a vegetação, sol o laranja*”. Tal como referido nos procedimentos de análise, este tipo de respostas demonstra a fraqueza do Eu e a penetrabilidade das barreiras. Poderá, eventualmente, sob a influência da primeira resposta dada no cartão, também consistir num movimento defensivo que tem por objectivo impedir a emergência de representações desagradáveis ou inquietantes.

Cartão X

No cartão X verifica-se um procedimento inicial semelhante ao cartão anterior, com os risos, com a constatação da simetria e a apreciação da cor. A primeira resposta, tal como a última do cartão anterior, revela a incapacidade de dar sujeito, objecto e relação. É a identificação projectiva no seu auge com a expressão da abstracção. O G impressionista evidencia-nos a incapacidade de distanciar o espaço psíquico e o meio, uma vez que o sujeito perde-se no vago face ao estímulo, denotando-se, como no cartão anterior, a fragilidade das barreiras internas. A resposta seguinte corrobora com a primeira demonstrando-nos, por outra via, novamente, a impossibilidade de alcançar o objecto e a impossibilidade de Ser “*algo superior, algo transcendente, algo sagrado*”, “*É inatingível*”. Acresce-se que através desta resposta, conseguimos perceber que o valor de se ter um objecto também é reconhecido, uma vez que o denomina como o sagrado. Contudo, apesar de reconhecer a existência, o valor e a função do objecto, considera que não o consegue alcançar. E, assim, tal como o faz num grande número cartões, acaba por fazer menção a elementos regressivos e imprecisos, baseando-se no vago dos contornos.

A terceira resposta retrata uma tentativa desesperada para unificar os elementos dispersos, através da referência à borboleta. Esta tentativa de unificação não é bem sucedida, de forma idêntica à mosca do cartão III. A necessidade de unir, de fusionar, é tão forte que Fernanda não consegue enxergar que cria uma borboleta dúbia, talvez à semelhança de aquilo que ela é,

uma mulher dúbia. Relembremos que a globalização a qualquer preço também pode ser sinónimo de falta de integridade, ruptura e até mesmo fragmentação (Chabert, 1997/2003). Mais uma vez, também é visível a inaptidão de Fernanda destacar a forma do fundo, diluindo o branco com o colorido.

A última imagem fornecida é, curiosamente, a de um homem, justificado pelas pernas enormes e pelo órgão sexual masculino. Embora com a utilização da precaução verbal, a parte acaba por levar a evocar o todo. Assim, percebemos que, para Fernanda, simbolicamente o órgão sexual masculino representa o ser masculino, e daí a necessidade de aniquilá-lo. Contudo, apesar de já não possuir o falo, este permanece no seu mundo interno. Por fim, a resposta adicional “*cavalos-marinhos*” é situada no mesmo local que órgão sexual masculino. Os cavalos-marinhos encontram-se de costas, sendo representativos de uma Não-relação, de duas realidades opostas que não se entendem. Recordemos que nas suas várias referências de dualidade, Fernanda é incapaz de representar interações, a não ser pela via do beijo, com o intuito de criar a união.

11. Discussão

11.1. A representação de si

A análise do protocolo concedeu-nos importantes esclarecimentos relativamente ao estado do mundo interno de Fernanda. Assim, da representação que fez de si, foi possível concluir que Fernanda não possui uma identidade consistente. Pelas identificações que realizou percebemos que não existe firmeza quanto à pertença a um dos sexos e o que mais se realça no seu mundo interno é a vivência clivada que nos transmite.

A identidade inconsistente, mal delimitada, que acaba por ser responsável pela produção da inquietante estranheza, pode ser visível a partir das respostas dadas em um grande número de cartões. Podemos começar por nomear os cartões I, III, VII, VIII e X. Em todos estes cartões vemos a inclusão do branco nas respostas. Ainda que alguns destes cartões apresentem diferentes significados para esta referência ao branco, todos eles retratam a incompletude, a falta, a falha narcísica e a necessidade de preencher o vazio. No cartão VII (r. 18), observamos uma resposta que é baseada única e exclusivamente no fundo, isto é, a apenas tem

em conta o Dbl central. Este tipo de resposta evidencia claramente uma atitude de oposição, revela a inadaptação, uma vez que o natural seria destacar a forma do fundo. Contudo, é de se referir que qualquer atitude de oposição comporta um elemento intrínseco de afirmação do eu, ilustra a necessidade de autonomização (Traubenberg, 1975). Nos cartões III (r. 7), VIII (r. 20) e X (r. 25) a inclusão do branco é realizada através do silenciamento dos limites num vago de diluição com o negro, cinzento e/ou o colorido. No cartão I (r.1) observamos um balanceamento entre o dentro e o fora, entre o que está lá e o que é o reconhecimento de uma incompletude (montanhas e vale). De formas diferentes, todas estas respostas demonstram-nos a indiferenciação da figura e do fundo, colocando-os no mesmo plano, revelando também a indiferenciação entre o interior e o exterior, entre o Eu e o Outro.

Retomando a análise das respostas dadas nos cartões III (r. 7) e X (r. 25), é de mencionar, que estas respostas possuem um peso particular pela representação que sustentam. Observamos uma apreensão global que nos dá conta de uma de uma vivência corporal lacunar. A procura desesperada de unir os constitutivos da mancha, evitando a bilateralidade ou a dispersão, denuncia a fragilidade que consiste na falta da integridade corporal, denotando-se no Eu-pele uma grandiosa falha, o Eu psíquico também se encontra ameaçado, dado que o primeiro enquadra o segundo.

Ainda no sentido de comprovar uma identidade mal firmada, é possível fazer menção a todas as respostas em que se denote a evocação de representações imprecisas, como é por exemplo o caso das montanhas do cartão I (r. 1), ou o rio do cartão VI (r. 13). Tanto as montanhas, como os rios ou lagos são formas pouco precisas sustentadas pelo vago dos contornos que descrevem a existência de limites pouco estáveis. Mas, mais grave, é quando se verifica a falência total do controlo formal como é o caso das respostas 7, 18, 20 e 25 dos cartões III, VII, VIII e X, respectivamente, tendo sido já abordados. E, como também é o caso das respostas 9 e 26 dos cartões IV e X, respectivamente. Estas respostas formais de má qualidade demonstram que a pressão fantasmática tornou-se demasiado forte para ser contida e o pensamento perdeu os seus alicerces lógicos e se deteriorou face ao estímulo, revelando o quão fracas encontram-se as barreiras internas.

A fragilidade das barreiras também é constatada quando Fernanda se deixa impressionar pelas cores das manchas. Neste protocolo é, claramente, perceptível de que as cores acromáticas

desencadeiam uma tonalidade emocional muito negativa. A resposta 3 do cartão I, demonstramos de como a captação do C' conduziu à desvitalização de algo que parecia consistente, a borboleta passou a ser a sombra. Nas respostas 2 do cartão I e 11 do cartão V, o desagrado pela cor negra é evidenciado através da intelectualização e da ruminação. Pelo contrário, as cores cromáticas despertam uma tonalidade emocional bastante positiva. Logo no primeiro cartão, onde aparece a cor cromática vermelho (cartão II r.6), Fernanda faz a menção de uma paisagem surrealista, denotando-se a facilidade com que transpõe as barreiras do real para o imaginário. As respostas 22 do cartão IX e 23 do cartão X, baseadas única e exclusivamente na cor, testemunham a forma como a indivíduo se “perde” face ao estímulo. Esta referência á perda é baseada nas equivalências directas que fornece no cartão IX, cuja vegetação, o sol e os frutos não possuem formato específico, e também baseada na abstracção, do cartão X, onde não se encontra, mais uma vez, a especificidade, o concreto.

Como se pode perceber, é de diversas formas que podemos comprovar a existência de uma identidade mal delimitada, em que as fronteiras entre o dentro e o fora, forma e o fundo, o real e o imaginário, o familiar e o estranho, o Eu e o Não-Eu, ou o Ser e o Não-Ser encontram-se, verdadeiramente, instáveis. Com uma identidade de limites vagos, as identificações que realiza, também acabam por demonstrar uma não firmeza relativamente à pertença a um dos sexos.

A impossibilidade de se encontrar no mundo interno de Fernanda a pertença evidente a um dos sexos deve-se à impossibilidade de alcançar o objecto e à impossibilidade de Ser. Nas respostas 20 do cartão VIII e 24 do cartão X, percebe-se que Fernanda reconhece a existência, a importância e a função do objecto, a coroa (r. 12 cartão V) testemunha esse reconhecimento, no entanto, a indivíduo considera que o objecto é proibido “*é algo onde queremos alcançar e não podemos*”.

Em todo o protocolo, observam-se, em duas ocasiões, a representação de figuras femininas (cartão III r. 8 e cartão VII r. 19) e em outras duas ocasiões a representação de figuras masculinas (cartão VII r. 17 e cartão X r. 26). No cartão V (r.12), reconhecido como sendo o cartão da identidade, é concedida uma imagem ambígua, “*um anjo com asas enormes*”, reforçando a ideia de uma não pertença evidente a um dos sexos. Esta ideia é comprovada quando numa mesma resposta visualiza-se, ainda que de forma indirecta, a condensação de

conteúdos masculinos e femininos como é, por exemplo, o caso do cartão I (r.1), em que as montanhas constituem a expressão do masculino e o vale é a expressão do feminino ou, por exemplo, no cartão II (r.6), em que o sol retrata a virilidade e floresta a feminilidade. Por outro lado, é possível constatar, que é, também, de uma forma indirecta, que Fernanda acaba por criar mais representações que pertencem ao domínio masculino. Existem casos extremamente nítidos, como por exemplo a resposta 10 do cartão IV, ou a resposta 21 do cartão IX. No primeiro, verifica-se a menção de um elefante “*com a tromba enorme*”, no segundo, temos uma descrição inicial de um orgasmo masculino. Mas, sempre quando é concedida uma potência à imagem, quando se verifica o domínio da masculinidade, parece que há uma necessidade de retirar esse poder. Na resposta 10, o poder fálico é retirado de um modo ascendente, através da constatação do sagrado no cimo da cabeça do elefante. Na resposta 21, o que parecia um orgasmo masculino é transformado no órgão sexual feminino. No cartão VI, que está carregado de implicações sexuais, observa-se um tempo de latência muito prolongado que, segundo os risos e o olhar, pode ser derivado a uma necessidade de conter algo considerado pela indivíduo como o interdito. Em umas das respostas dadas nesse cartão (r. 16), denota-se, igualmente, a concessão de potência “*é um felino*”, que também é abafada através da referência do “*rabo felpudo*” e da posição do animal, que se encontra inactivo “*está sentado*”.

Este modo de funcionamento concede-nos indícios de um mundo interno clivado, recheado de opostos. Os indícios são, naturalmente, confirmados nas respostas dadas em outros cartões e até através da prova de escolha preferencial. O auge da clivagem encontra-se nas respostas do cartão VII, em que são concedidas representações masculinas e femininas, dispostas frente a frente e de costas. Verificam-se diferentes formas de apreensão nesse cartão, tão depressa destaca a forma do fundo, como o fundo da forma, e os conteúdos proferidos são bem distintos. A menção de conteúdos distintos, que são a revelação de uma identidade confusa, é detectável num grande número de cartões. Destaca-se o cartão IX, cujas duas respostas não possuem qualquer tipo de relação, ou o cartão IV, que possui respostas de conteúdos regressivos e conteúdos de potência fálica. Na prova de escolha preferencial são observáveis diversas hesitações entre o rejeitar e o não rejeitar os cartões, sobressaindo-se num dos casos a divinização do feio. O psicograma que agrupa os dados que derivam da cotação demonstra a existência de um conflito psíquico, em que a fórmula complementar vai no sentido contrário

ao tipo de ressonância íntima, denotando-se a tanto a dominância do pólo sensorial como do cinestésico.

Todo o procedimento de Fernanda, desde as respostas que dá, aos modos de apreensão, à forma como se decide se deve ou não rejeitar o cartão, permite-nos um melhor esclarecimento sob o modo de como se instaura a inquietante estranheza no mundo do transexual. Mas, antes de mais, é necessário, debruçarmo-nos sobre a representação que Fernanda faz das relações, para posteriormente chegarmos a um entendimento mais conciso.

11.2. A representação das relações

Quanto à representação das relações, sobre este assunto, já foram mencionados alguns aspectos no abordar da representação que o sujeito faz de si. Um dos aspectos importantes de realçar diz respeito à incapacidade de Fernanda dar sujeito, objecto e relação, este facto é, nitidamente, visível, no cartão IX (r. 22) e cartão X (r. 23). Esta incapacidade está directamente relacionada com a impossibilidade de alcançar o objecto e a impossibilidade de Ser, anteriormente referida (cartão VIII r. 20 e cartão X r.24). Se o objecto é inalcançável, dificilmente pode ser representado, surgindo também as dificuldades na representação das relações.

Mesmo nos cartões de configuração bilateral, que são os que melhor favorecem as encenações relacionais, denotamos que o único tipo de relação que representa é uma relação de união, em que o beijo é uma forma de transformar dois em um só (cartão II r. 4 e r. 5 e cartão VII r. 17), desfazendo a bilateralidade do cartão. E quando não faz menção ao beijo, a Fernanda dispõe, simplesmente, as personagens frente a frente, sem qualquer tipo de interacção (cartão III r. 8), evidenciando uma Não relação. Esta Não relação é mais visível no cartão VII (r.19) e na resposta adicional do cartão X, em que se constata o evitamento do contacto, através do posicionamento das figuras de costas uma para a outra.

Destaca-se, em particular, a resposta 19 do cartão VII, pelo facto de se verificar um movimento pulsional directamente expresso (dança do Can-Can), mas no qual as bailarinas em vez de estarem em sintonia, de complementarem-se e encenarem uma dança em harmonia, acabam por ser colocadas de costas, representando duas realidades que se negam.

À semelhança da representação que Fernanda faz de si, também na representação das relações é possível observar um funcionamento clivado, em que as figuras ou encenam uma relação de intensidade, ou representam uma Não-relação.

11.3. À laia de síntese

Estando nos primórdios de conceder o nosso entendimento final sobre esta matéria, parece-nos relevante enunciar, brevemente, como chegamos até aqui, de forma a termos uma melhor percepção sobre o entendimento que alcançamos.

Na abordagem das diferentes teorias sobre o transexualismo demo-nos conta de um denominador comum, nomeadamente, a existência de uma identidade mal consolidada. Esta identidade turva, sem limites estáveis, permitiu-nos estabelecer uma ponte com a teoria da inquietante estranheza de Freud (1919/1981), na medida em que é a abolição dos limites a provocadora da inquietante estranheza. Realizámos uma extensa reflexão sobre a forma de como a inquietante estranheza podia ser denotada no transexualismo. Assinalámos os pontos essenciais que nos mostram a concordância entre as teorias do fenómeno transexual e as teorias do conceito metapsicológico unheimiliche. Refira-se que se, realmente, se confirmasse a presença desses pontos concordantes, através da prova projectiva de Rorschach, então passaríamos a conhecer como se processa uma dinâmica entendida como inquietantemente estranha no seio do transexualismo, concedendo-nos um melhor conhecimento sobre este fenómeno.

Após a aplicação e a análise do protocolo, verificámos que, efectivamente, existe uma fragilidade nas barreiras que separam o Eu do Não-eu, o real do imaginário. Na representação de si, esta fragilidade é referida com base em diversas constatações, tais como a inclusão dos brancos, que acarreta a falha narcísica; a menção de representações imprecisas; a forma de como se deixa invadir pelo estímulo na visualização da cor (cromática ou acromática); entre outras. Na representação das relações, a instabilidade dos limites é detectável através da enunciação do beijo, em que torna possível o Eu penetrar no campo do Outro e vice-versa. Ao confirmarmos a presença da identidade mal delimitada, passamos a ter o ingrediente essencial

para o despoletar da inquietante estranheza. O passo seguinte é identificar a presença de duas realidades opostas que suscitam dúvidas sobre a qual é a que rege.

Na teoria da inquietante estranheza, estas duas realidades são o familiar e o estranho. O leitor questiona-se, se Coppola pertence ao domínio do familiar, podendo ser ele o homem de areia, ou se pertence ao domínio do estranho, sendo apenas um oculista. No transexualismo, a incerteza que preside, é entre o masculino e o feminino. Deste modo, no protocolo são visíveis, quer identificações masculinas, como femininas. De realçar a existência da representação de um anjo, que retrata, de forma clara, a ambiguidade. Mantém-se a dúvida existencial. Qual o sexo dos anjos? A resposta é que o anjo é assexuado, o que confirma a não pertença a qualquer um dos sexos.

Tendo encontrado a dúvida entre as duas realidades, é necessário averiguar o momento da diluição entre estas. O momento em que o Eu e o Outro são constatados no mesmo espaço. Sabemos e já referimos como esta diluição é possibilitada (através da abolição dos limites), mas o que pretendemos é ter o registo efectivo das duas entidades diferentes numa mesma precisão. No caso de Nathaniel, este diluí o familiar e o estranho no momento em que identifica Coppola como sendo o homem de areia. Em relação a Fernanda, esta remete a masculinidade e a feminilidade no mesmo espaço, ao iniciar a descrição de um orgasmo masculino e acabando por referi-lo como sendo o órgão sexual feminino (cartão IX r. 21). Outro caso é, por exemplo, o cartão VI (r. 16), onde a potência fálica e a passividade são vistos no mesmo animal. Importa também referir os cartões que possuem o conteúdo 'paisagem', uma vez que na maioria deles vislumbram-se representações simbólicas do masculino (sol, montanhas...) e do feminino (vale, floresta, selva...).

A incerteza perante duas realidades e a diluição destas deve-se a uma razão muito simples de se explicar, que diz respeito a uma não internalização suficiente do objecto. É a não internalização segura do objecto que deixa brechas nas barreiras internas. Por outras palavras, como o objecto não é suficientemente captado, conduz a que se materializem dúvidas entre o Ser e o Não Ser, entre o Eu e o Outro. E como o sujeito não sabe o que vem de dentro e o que vem de fora, o que é o Eu e o que é o Outro, acaba por representá-los no mesmo espaço. A não internalização do objecto é visível através da referência à impossibilidade de alcançar o

objecto e à impossibilidade de Ser (cartão VIII r. 20 e cartão X r.24) e através da incapacidade de dar objecto, sujeito e relação no cartão IX (r. 22) e cartão X (r. 23).

No protocolo de Fernanda denotamos um aspecto muito peculiar. Parece-nos que Fernanda se debate entre a autonomia e a dependência. O psicograma confirma este conflito através da análise do tipo de ressonância íntima e da fórmula complementar. A autonomia permite a Fernanda criar o Ser. A dependência, pelo contrário, leva a que se mantenha no espaço do Não-Ser. Esta autonomia é visível sempre que Fernanda elabora representações masculinas. Contudo, as representações masculinas são abafadas e muitas vezes transformadas no contrário (o cartão IV r.10 ou cartão IX r.21, são exemplos muito ilustrativos desse acontecimento). É um caminhar para o Não-Ser! O que conduz Fernanda para essa caminhada? Poderá estar relacionado com “a procura da mãe”? Uma procura do momento em que a mãe o via como um prolongamento do própria? Ou será antes uma retirada para o sexo oposto pelo facto de não havido o reconhecimento, da parte do pai em relação filho, como membro pertencente do sexo masculino?

São várias as possibilidades que aqui podemos enunciar, tendo estas já sido referidas anteriormente no objectivo de estudo. Mas, com a análise do protocolo, surge-nos uma nova proposta de resposta que também se debruça sobre um tempo de vida muito precoce, no momento da simbiose entre bebé e a mãe da posterior separação. Numa fase em que a criança começou a perceber que era um Eu masculino, iniciou a diferenciação entre os sexos. Contudo, o distanciamento da mãe num momento em que acaba de descobrir que é potencialmente um Eu masculino pode ter gerado ambivalência. A angústia de separação, pelo abandono da mãe, pode ter desencadeado a identificação com o objecto perdido. Como afirma Chiland (1988), o ser como a mãe pode consistir numa forma de dominar algo que a criança sente que lhe escapa. E, se a criança sente que a mãe lhe escapa, é porque ela, a mãe, não foi suficientemente integrada no seu espaço psíquico.

Da presente reflexão, a conclusão a que chegamos é que o transexual se encontra “preso” na bissexualidade psíquica. Atendendo que a bissexualidade psíquica incorpora simultaneamente o masculino e o feminino, torna-se possível relacionar o mundo interno do transexual com este conceito, na medida em que Fernanda debate-se entre o Ser e o Não-ser, entre o masculino e o feminino, explicando-se o funcionamento clivado. No entanto, acresce-se que a

indivídua encontra-se “presa” na dinâmica entre o Ser e o Não-Ser porque, parece-nos, que não consegue integrar a sua própria bissexualidade, isto é, como a mãe escapou-lhe num momento em que descobria que era um Eu masculino, este Ser masculino nunca poderia ser confirmado sem a presença do materno, do feminino. Para melhor explicitar, é importante referir que, inicialmente, no momento da simbiose entre a mãe e o bebé, o transexual revia-se no feminino. Até que, numa fase posterior, começa a perceber que se trata de um Eu diferente, um Eu masculino. Mas, é neste momento que a mãe se distancia. Deste modo, a criança fica sem a prova interna feminina que precisava, surgindo a dúvida se, afinal, é um Eu masculino ou é um Eu feminino. De acordo com Chiland (1988), com a angústia de separação a criança opta por ir em busca do objecto perdido, que é a mãe, no sentido de voltar a possuí-la e recriar a identidade primária. Para a recriação do feminino, é necessário, antes de mais, abafar, anular todo o masculino que acabou por descobrir, sendo deste modo que percebemos o funcionamento de Fernanda na sua caminhada para o Não-Ser.

12. Conclusões

Esta investigação teve por objectivo a sustentação teórica que nos permitisse compreender como é que o transexualismo se pode constituir num espaço inquietantemente estranho. Colocou-se em evidência diferentes perspectivas acerca do fenómeno transexual e elaborou-se uma reflexão que demonstrava como o transexualismo se pode relacionar com o conceito metapsicológico de inquietante estranheza (unheimliche) de Freud (1919/1981). Tivemos em linha de conta, para além de Freud, outros autores que se debruçaram, posteriormente, sobre esse conceito, nomeadamente, Sami-Ali e Bach.

O estudo de caso permitiu-nos concluir que é a instabilidade dos limites entre o Eu e o Outro, entre o Ser e o Não-Ser, a identidade mal consolidada, a não internalização segura do objecto, que cria a incerteza entre duas realidades que são o masculino e o feminino, produzindo-se a inquietante estranheza. E como afirma Freud (1919/1981), as dúvidas em relação ao próprio, podem conduzir a uma duplicação, divisão e até a uma troca do próprio Eu.

O protocolo de Fernanda para além de nos ter permitido estabelecer a relação entre a inquietante estranheza e o transexualismo, possibilitou-nos um melhor conhecimento sobre o fenómeno, revelou ser o ponto de partida para uma nova reflexão. Ainda que, uma das limitações desta investigação tenha sido a impossibilidade de poder descortinar todos os porquês do funcionamento interno de Fernanda, na medida em que ficamo-nos pela reflexão quando observamos a retirada total do poder ao Ser, à masculinidade. A realidade é que o protocolo permitiu-nos esclarecer o que está na base do sofrimento psicológico do transexual, sendo este sofrimento derivado da abolição dos limites entre o real e o imaginário.

Este trabalho deve ser complementado com outros estudos, de modo a que passo a passo, possamos chegar a um entendimento profundo sobre o fenómeno transexual. Sugerimos, ainda, o estudo do transexualismo e a sua inquietante estranheza, na relação com a bissexualidade psíquica. Parece-nos relevante este estudo, na medida em que a bissexualidade psíquica é um conceito complexo, que incorpora tanto o masculino como o feminino e aborda diversas linhas investigação, podendo ser através de uma dessas linhas de investigação que se encontre as respostas, para as dúvidas que ficaram por responder. Acresce-se a importância da

investigação, por se debruçar sobre um fenómeno cada vez mais visível, mas não muito compreendido.

Não tão visível como o transexualismo M-F, mas sendo também, por isso mesmo, merecedor de uma atenção especial, o fenómeno transexual F-M, que certamente possui uma justificação diferente, a nível de dinâmica familiar, para o seu desencadeamento, também pode apresentar uma organização inquietantemente estranha. Assim, seria interessante e útil averiguar como se constitui a inquietante estranheza no transexualismo M-F e relacioná-lo, simultaneamente, com a bissexualidade psíquica.

Para finalizar, importa referir que cada sujeito é detentor de uma lógica interna individual. Os modelos psicanalíticos concederam à Psicologia Clínica um novo olhar sobre o seu objecto de estudo, reforçando a ideia de individualidade e singularidade do sujeito. Para aceder e compreender o funcionamento mental do sujeito é fundamental admitir e debruçar sobre o seu carácter vivo, dinâmico que está em constante transformação e construção derivado à descoberta, interacção e comunicação com o Outro (Marques, 1999). Assim, com este trabalho não pretendemos generalizações, pretendemos, antes de mais, contribuir para um reflectir e repensar sobre os modos de acção existentes no fenómeno transexual. A metodologia de Rorschach, ao viabilizar a compreensão e o conhecimento do ser psicológico do sujeito, permitiu-nos dar sentido à realidade, ampliando a visão da Psicologia Clínica com este estudo de caso, levantando-se, ainda, questões que se inserem no campo da medicina podendo estender-se à ética e à moral.

É desta forma, que para terminar tese, interrogamo-nos de como Fernanda, um transexual dito 'primário', irá integrar-se no universo feminino, se o seu mundo interno ainda esconde muito do masculino. Esta questão conduz-nos a reflectir sobre até que ponto as intervenções cirúrgicas de redesignação sexual, não são uma porta de acesso para a psicose, permitindo os sujeitos viver no delírio, numa realidade que não corresponde à sua verdade interna. Talvez seja esta a razão para o crescente número de transexuais nas psicoterapias, como também para a ocorrência de suicídios. No caso de Fernanda, é claramente evidente que a mudança externa não foi a solução mais indicada para um mundo interno atormentado.

REFERÊNCIAS

- Almeida, P., & Guerra e Paz, A. (2003). “Nunca a minha cabeça esteve tão longe do meu corpo...” (A propósito de um caso de perturbação de identidade género). *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5 (1), 119 – 131.
- American Psychiatric Association (2005). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: Fourth Edition* (DSM – IV). Washington, DC: Author
- Anzieu, D. (1961/1978). *Os métodos projectivos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Anzieu, D. (1985). *Le moi-peau*. Paris: Dunod.
- Bach, S. (1975). Narcissism, continuity and the uncanny. *International Journal of Psycho-Analysis*, 56 (1), 77-86.
- Chabert, C. (1997/2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982). *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Chiland, C. (1988). Enfance et transsexualisme. *La psychiatrie de l'enfant*, 31 (2), 313 – 373.
- Chiland, C. (1989). Homosexualité et transsexualisme. *Adolescence*, 7 (1), 133 – 146.
- Chiland, C. (1989). Transsexualisme et problématique narcissique à l'adolescence. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 7, 184 – 190.
- Chiland, C. (1997). La construction de l'identité sexuée. *Journal de Psychanalyse de l'enfant*, 20, 67 – 83.

Chiland, C. (2001). Transsexualisme et Homosexualité à la puberté. *Adolescence*, 19 (1), 51 – 57.

Chiland, C. (2005). Problèmes poses aux psychanalystes par les transsexuels. *Revue Française de psychanalyse*, 69 (2), 563 – 577.

Coutinho, C., P., & Chaves, J., H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 221-243.

Freud, S. (1919/1981). The uncanny. In *The Standard Edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 217 – 256). London: The Hogarth Press.

Formiga, N. S. & Mello, I. (2000). Testes psicológicos e técnicas projectivas: uma integração para o desenvolvimento da interacção interpretativa indivíduo - psicólogo. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20 (2), 12 – 19.

Green, R. (1998). *Transsexualism: Mythological, Historical, and Cross-Cultural Aspects*. Consultado em Abril 1, 2008 através de http://www.symposion.com/ijt/benjamin/appendix_c.htm

Houreau, M. J. (1978). *O Inconsciente*. Lisboa: Edições Ática (Obra original publicada em 1973)

Marques, M. E. (1999). A psicopatologia clínica e o Rorschach. Lisboa: Climepsi.

Matos, C. (1996). Percursos da identidade: processos transformadores. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 23 – 32.

Matos, C. (2002). A identidade sexuada e parentalidades. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 16, 11- 15.

Midence, K., & Hargreaves, I. (1997). Psychosocial adjustment in male-to-female transsexuals: an overview of the research evidence. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 131 (6), 602-615. Consultado em Abril 24, 2007 através de PsycINFO database.

Money, J. (1994). The concept of gender identity disorder in childhood and adolescence after 39 years. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 20 (3), 163-177.

Monteiro, A. & Real, M. (1999). *Sobre a Natureza, Parménides de Eleia*. Lisboa: Lisboa Editora.

Morais, M. (1994). Estudo de caso: Reencontro de um paradigma perdido? *Revista Portuguesa de Educação*, 7 (1-2), 127 – 135.

Nunes, J. S. (2003). Perturbações da Identidade de género. In L. Fonseca, C. Soares, J. Machado Vaz, *A Sexologia: perspectiva multidisciplinar I* (pp. 383-420). Coimbra: Quarteto Editora.

Oppenheimer, A. (1989). Le refus du masculin dans l'agir transsexuel. *Adolescence*, 7 (1), 155 – 169.

Oppenheimer, A. (1991). The wish for a sex change: a challenge to psychoanalysis? *International Journal of Psycho-Analysis*, 56 (1), 77-86.

Oppenheimer, A. (1992). Du tranvestisme prevers au transsexualisme. *Revue française de Psychanalyse*, 5, 1743 – 1746.

Oppenheimer, A. (1996). Les troubles de l'identité sexuelle. *Bulletin de Psychologie*, XLIX, 424, 443 – 461.

Quinodoz, D. (1998). A female transsexual patient in psychoanalysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 79 (1), 95-111. Consultado em Abril 27, 2007 através de EBSCOHost Academic Search Complete database.

- Ramsey, G. (1996). *Transsexuais, perguntas e respostas*. São Paulo: GLS.
- Rausch de Traubenberg, N. (1975). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.
- Sami-ali, M. (1993). *Corpo real, corpo imaginário*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sanchez, J. G. (2005). Reflexiones en torno al concepto de “Lo Siniestro”; lo siniestro y la “Escisión del Yo”. *Intersubjetivo*, 7 (1), 83-95.
- Stoller, R. J. (1973). The male transsexual as ‘experiment’. *International Journal of Psycho-Analysis*, 54 (2), 215-225. Consultado em Março 12, 2008 através de EBSCOHost Academic Search Complete database.
- Stoller, R. J. (1975/1982). *A experiência transsexual*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade. Apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Troger, N. (2005). *Tornar o invisível visível: O Rorschach e a função materna no sujeito transexual* (Monografia de Licenciatura em Psicologia clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Volkan, V., & Masri, A. (1989). The development of female transsexualism. *American Journal of Psychotherapy*, 43 (1), 92-107.
- Yin, R. (1994/2001). *Estudos de caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXO A

ANEXO B

Fernanda Domingues

<p>I</p> <p>14''</p> <p>▲</p> <p>1. “Uma paisagem que tem montanhas”</p> <p>2. “Um escaravelho”</p> <p>3. “Uma borboleta”</p> <p>40''</p>	<p>“As montanhas estão em cima, são duas, uma de cada lado e está um vale no meio e isto devem ser outras montanhas mais pequenas ou rochas. Têm esse feitio”.</p> <p>“Um escaravelho na figura toda, Porque aparenta ser. Tem o dorso que inclui os braços, tem rabo, asas e aqui os olhos. E os escaravelhos são pretos enquanto os besouros têm cores”.</p> <p>“É uma borboleta porque as asas são largas. As asas de cima são maiores que as debaixo como numa borboleta e tem rabo Mas a borboleta é branca porque está o reflexo do sol atrás” (?) “é como sombra”.</p>	<p>D bl F ± Paisagem</p> <p>G FC' A</p> <p>G FC' A Ban</p>
<p>II</p> <p>19''</p> <p>▲</p> <p>4. “São dois porquinhos a darem um beijo,</p>	<p>“Os dois porquinhos as orelhas a boca e as patas da frente estão como que deitadas na posição da esfinge” (faz a posição). “Parece que estão a dar o beijo porque têm a boca muito próxima”.</p>	<p>D Kan A</p>

<p>5. ou dois elefantes a beijar”</p> <p>▼</p> <p>6. “O raiar do sol”</p> <p>55”</p>	<p>“Os elefantes é pela tromba como que a beijarem e as patas enormes à frente, tem as orelhas e estão frente a frente como os porcos”.</p> <p>“O raiar do sol está em cima. O sol a raiar, nascer no meio da floresta que está de lado. Uma paisagem surrealista. O sol é pelo vermelho é a energia”.</p>	<p>D Kan A</p> <p>D CF Paisagem</p>
<p>III</p> <p>13”</p> <p>▼</p> <p>7. “Assim é uma mosca”</p> <p>▲</p> <p>8. “Duas mulheres muito próximas uma da outra com uma mala na mão”. (ri-se) “Será que estou a dizer disparates?”</p> <p>53”</p>	<p>“Uma mosca mas não está completa, falta a parte de baixo. Tem os olhos grandes e a boca em cima. As patas das moscas têm este formato” (contorna). “Vejo a mosca de cima”.</p> <p>“Duas mulheres que estão próximas porque têm a cabeça muito perto e estão frente a frente. Têm a cabeça os seios, a perna com botas de salto alto”.</p>	<p>D bl F- A</p> <p>G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>27”</p> <p>▼</p> <p>9. “Uma fortaleza de uma montanha”</p>	<p>“É uma fortaleza oriental no alto das montanhas. Parecem aquelas que os chineses faziam”.</p>	<p>D F- Arquitectura</p>

<p>▲</p> <p>10. “Um elefante com uma tromba enorme e umas orelhas enormes. Um elefante sagrado. Os pés também são enormes”.</p> <p>1’13”</p>	<p>“Elefante de pernas abertas com a tromba enorme que está no meio das pernas. Tem olhos e as orelhas estão de lado. A parte de cima, que está na cabeça do elefante, faz me lembrar algo sagrado. É como o Deus elefante dos Indianos Panduani, penso eu que seja isso”.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>V</p> <p>14”</p> <p>▼</p> <p>11. “Um Morcego. Tem aqui as asas”.</p> <p>▲</p> <p>12. “Um anjo com asas enormes.”</p> <p>1’06”</p>	<p>“Um morcego de asas abertas, vai como que a voar, tem as orelhas e as patas em baixo. Os morcegos são pretos ou melhor são negros, são escuros”.</p> <p>“Um anjo com asas enormes. As pernas estão em baixo, em cima a cabeça que tem uma coroa de luz, tem esse feitio de coroa. As asas abertas mostram que está voar”.</p>	<p>G FC’ A Ban</p> <p>G K (H)</p>
<p>VI</p> <p>(risos + olhar)</p> <p>47”</p> <p>▲</p> <p>13. “O rio de uma selva.”</p>	<p>“O rio, aqui está a baía, a nascente, o rio está passar no meio da selva. A textura da cor é que dá esse ar de selva.”</p>	<p>D Kob E Paisagem</p>

<p>▼</p> <p>14. “É uma pele curtida”.</p> <p>▲</p> <p>15. “Assim é um gato, aqui os bigodes do gato, é um felino”.</p> <p>◀</p> <p>16. “Um lago”.</p> <p>1’56</p>	<p>“É uma pele curtida de um réptil ou parece mais de um leão ou tigre tem aqui as patas da frente e de trás e unhas”(?) “Isto não faz parte” (Dsup).</p> <p>“É um gato, tem estes bigodes grandes, como o meu gato e aqui os olhos. Isto não me diz muito” (Dd sup). “As patas de trás e as patas da frente. O rabo é felpudo. Está sentado”.</p> <p>“O lago está aqui, aqui estão as arvores a floresta está reflectida no lago. A imagem toda é de quando o sol se põe. Estão aqui umas canas, pode ser de bambu. A floresta de fundo, que não se vê o fim. Não sei explicar, é abstracto”.</p>	<p>D FE A Ban</p> <p>∅ FE A</p> <p>G EF Paisagem</p>
<p>VII</p> <p>15”</p> <p>▲</p> <p>17. “Duas pessoas frente a frente, possivelmente pessoas de descendência oriental, frente a frente como se fossem a dar um beijo, são dois faraós egípcios”.</p>	<p>“Dois faraós egípcios. Tem a coroa do faraó. Olhos nesta parte, nariz, boca, pescoço e corpo. Como se fossem a dar um beijo por estarem frente a frente e com os lábios assim” (1º terço, contorna).</p>	<p>D K H</p>

<p>▼</p> <p>18. “A ponta de uma chave. Este recorte em branco”.</p> <p>19. “As imagens em si, pode ser duas bailarinas a dançar o Can-Can”.</p> <p>2’37”</p>	<p>“A chave, com estas pontas. Tem o recorte de uma chave”.</p> <p>“As bailarinas estão de costas uma para a outra, a cabeça com um grande chapéu, o rabo, as mãos esticadas e as pernas”.</p>	<p>Dbl F- Obj.</p> <p>G K H</p>
<p>VIII</p> <p>22”</p> <p>▲</p> <p>“É surreal. Transmite alegria pela cor”.</p> <p>20. “Dá me o ar que seja o brasão real mas transmite paz”.</p> <p>2’26”</p>	<p>“É o brasão real, tem dois tigres de frente, as patas e a cabeça do felino vão a subir. O verde rosa e laranja é uma coroa. A coroa é assim (contorna). E ao cimo é a montanha, tem o cume, é algo onde queremos alcançar e não podemos”.</p>	<p>G bl F- Obj.</p>
<p>IX</p> <p>43” Risos</p> <p>▼ ◀ Tapa metade ▲</p> <p>21. “Transmite algo que está a nascer, está a brotar, está a sair. Um fluxo, o orgasmo. É o órgão sexual feminino, visto de dentro”.</p>	<p>“O fluxo está no meio, expande-se, isto parece a vulva a abrir, o limite. E os lábios que têm esta cor. Este é o ventre. Isto parece-se também com os ovários. Estas partes não me dizem nada” (verdes + rosa).</p>	<p>D Kob Sex</p>

<p>22. “A natureza. A diversidade das cores da natureza”.</p> <p>2’35”</p>	<p>“A natureza. O rosa são os frutos. O verde a vegetação, sol o laranja. É só pelas cores”.</p>	<p>G C Natureza</p>
<p>X</p> <p>24”</p> <p>(Risos)</p> <p>▲ Tapa metade “Transmite muita coisa”.</p> <p>23. “Vida”.</p> <p>24. “Algo superior, algo transcendente, algo sagrado, um palácio celestial no alto das montanhas”.</p> <p>25. “Uma borboleta de uma espécie raríssima”.</p> <p>26. “Um homem”.</p> <p>2’52”</p>	<p>“A vida é pelas cores. São cores alegres, que dão ânimo vida, energia, tranquilidade”.</p> <p>“Aqui estão as montanhas e este é o palácio” (D cinz. sup.). “O palácio ergue-se desta forma. É inatingível” (Aponta).</p> <p>“A borboleta é rara, as asas são os azuis amarelos, laranjas, rosa”. “A cabeça (D cinz. Sup.), o verde é como as patas. Tem muitas cores”.</p> <p>“O homem é só por esta parte. São as pernas, os pés são enormes e podia ser o órgão masculino” (D verde central inf.)</p> <p>R. A.: “Mas assim parecem dois cavalos-marinhos de costas um para o outro. A cabeça e o bico também têm estes contornos que os cavalos-marinhos têm”.</p> <p>D F+ A</p>	<p>G C Abstracto</p> <p>D F- Arquitectura/ Paisagem</p> <p>G bl FC A</p> <p>D F- H</p>

Prova de Escolhas

Pranchas preferidas:

O último (X) pela cor, alegria é abstracto. E pode ser este (II) que representa o amor, o carinho e o raiar do sol transmite energia. Mas o órgão sexual feminino (IX) diz me mais porque agrada-me é algo da mulher.

Pranchas que menos gosta:

Podia ser este (I) do escaravelho não é bonito, mas não posso nunca rejeitar porque o escaravelho era sagrado no tempo dos egípcios, era a vida. Não gosto da mosca (III) é um animal horrível. E duas mulheres muito próximas, quer dizer, não tem lógica nenhuma. Não gosto do morcego (V) (?) mas é só pelo morcego, porque pelo anjo fica. Pode ser então este (VIII), porque é algo material e o importante não é o físico.

Psicograma

Psicograma					
R.: 26	G 14	50%	F 8	A 10	F% 31
Tempo total: 17' 22''	(G 10; G bl 2; Ø 1)		F+ 1	H 4	F+% 19
Tempo lat. med.: 24''			F± 1	(H) 1	F%alarg 77
Tempo/resposta: 40''	D 12	46%	F- 6	Obj. 2	F+%alarg 58
	(D 10; D bl 2)			Pais. 5	
			K 4	Sex. 1	A% 38
	Dbl 1	4%	Kan 2	Arq. 2	H% 19
			Kob 2	Nat. 1	
				Abstract. 1	Ban 4
			C 2		
			CF 1		Obs sim. 2
			FC 4		
RC% 27	T.R.I.: 4K/Σ6C				
	F.C.: 4k/Σ2.5E		EF 2		
			FE 2		